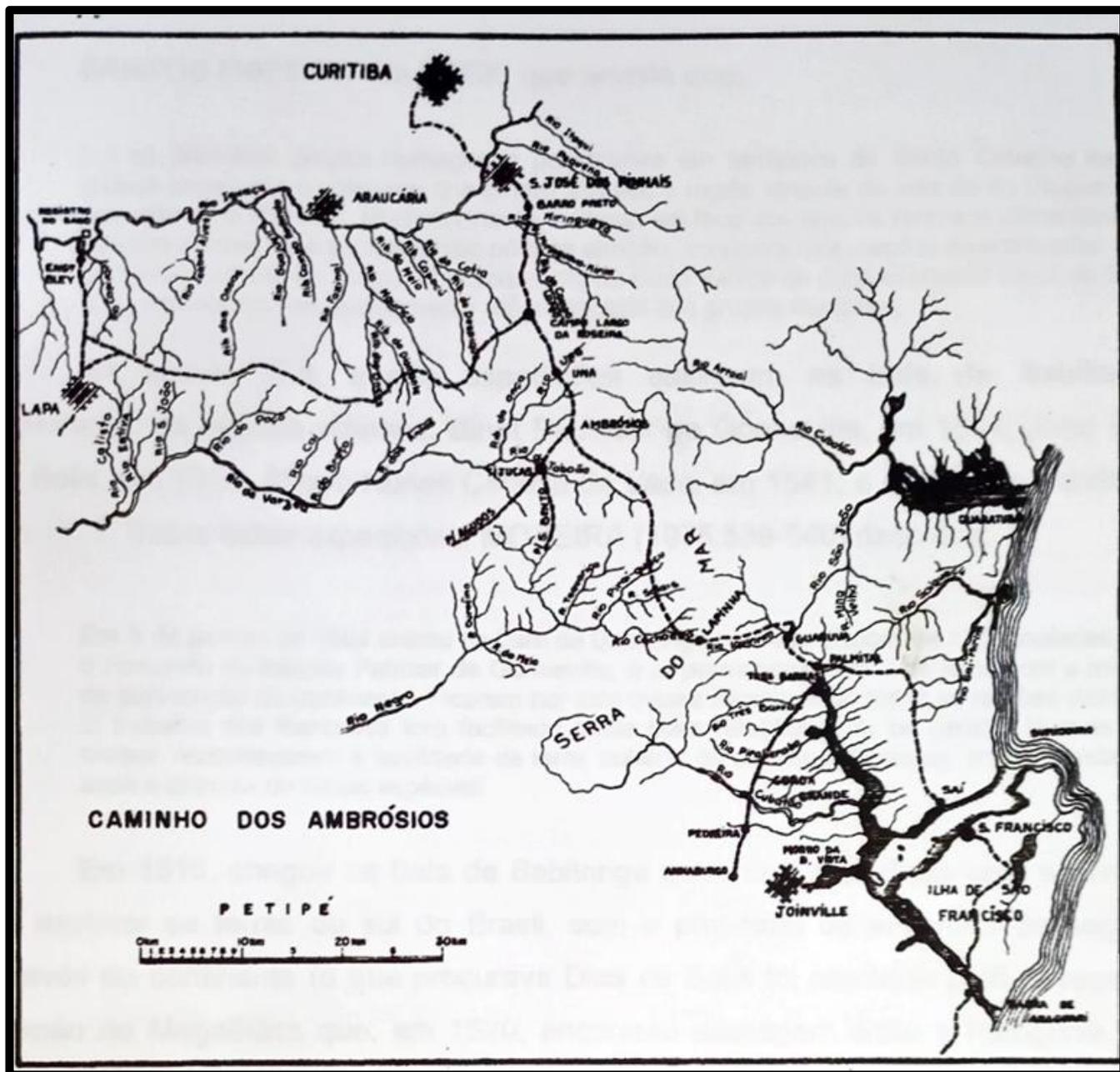


O CAMINHO DOS AMBRÓSIOS



**Uma proposta de revitalização
baseada nos princípios do ecoturismo**

**Deise Susana Claudino de Oliveira
Jane Beatriz Dissenha Fagundes
José Hamilton Claudino**



CAMINHO DOS AMBRÓSIOS

Uma proposta de revitalização baseada nos princípios do ecoturismo

Deise Susana Claudino de Oliveira
Jane Beatriz Dissenha Fagundes
José Hamilton Claudino

Juntai o pó de todos os caminhos e separai-o na joeira do espírito e não encontrareis uma molécula, um átomo, uma partícula tenuíssima que não venha vazada de substância humana, de uma gota de sangue ou de suor do trabalho do homem, de uma lágrima cristalizada

Pelletan

Agradecimentos

A Deus e àqueles que repartiram conosco seus conhecimentos, experiências profissionais e de vida ou que nos acompanharam nesta jornada para mais uma conquista.

Aos nossos familiares, por nos apoiarem para vencermos mais uma etapa de nossas vidas.

Ao prof. Paulo C. Rizzo Cerdeira, orientador desta monografia, pelo incentivo que nos deu para que realizássemos o trabalho.

Ao. Sr. João Maria Pereira, por nos guiar, e aos colegas Lizandro e Adilson, por nos acompanharem em todos os momentos da pesquisa de campo.

A Alexandre, pela assessoria na elaboração do mapa com GPS.

Aos proprietários das terras por onde passa o Caminho dos Ambrósios.

DEDICATÓRIA

É pelas pequenas coisas que se mede um grande amor; as grandes nos arrebatam. E é por isso que dedicamos aos nossos amores o fruto de nosso trabalho. Obrigado por nos compreenderem quando não pudemos estar presentes.

SUMÁRIO

RESUMO	8
APRESENTAÇÃO	9
ECOTURISMO	10
TRILHA INTERPRETATIVA	11
CAPACIDADE DE CARGA	12
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	14
CAMINHOS: NECESSIDADE HISTÓRICA	15
CAMINHOS DO BRASIL.....	15
Caminho do Itupava	16
Caminho da Graciosa	17
Caminho do Arraial.....	19
Caminho do Viamão	21
O CAMINHO DOS AMBRÓSIOS	23
DESCRIÇÃO FÍSICA DA REGIÃO	23
ORIGEM HISTÓRICA DO CAMINHO.....	26
Os índios na região do caminho	28
Colonização da região do Caminho dos Ambrósios	30
ASCENSÃO E QUEDA DO CAMINHO: O TAPAMENTO.....	31
DIREÇÃO E TRAÇADO DO CAMINHO DOS AMBRÓSIOS.....	33
PROPOSTA PARA REVITALIZAÇÃO DE PARTE DO CAMINHO DOS AMBRÓSIOS	36
SITUAÇÃO ATUAL DO CAMINHO DOS AMBRÓSIOS	36
PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO.....	70
CONCLUSÃO	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
ANEXOS	75
Anexo 1 – Jornal “O Dezenove de Dezembro”	76
Anexo 2 – Documento da época da construção da Estrada dos Ambrósios	79
Anexo 3 – Mapa do Caminho dos Ambrósios traçado com o GPS	82
Anexo 4 – Entrevista com o Sr. Heinz Budweg.....	89
Anexo 5 – Entrevista com o Sr. Carlos Schneider	92
Anexo 6 – Entrevistas sobre expedições que percorreram o Caminho dos Ambrósios.....	96
Anexo 7 – Reportagem sobre exposições de fotos do Monte Crista	107

RESUMO

A história da humanidade é uma história de caminhos, sendo que cada trecho tem sua própria história e suas lendas. Um desses caminhos, o dos Ambrósios, foi a primeira ligação entre o litoral de Santa Catarina e o Planalto de Curitiba. Por ali passaram índios e desbravadores, colonizadores e mascates, e há quem diga que até antigas civilizações, como os incas. Poucas são as referências bibliográficas encontradas sobre este caminho e, ainda que sua importância na região por onde passa tenha sido incontestável, a depredação em alguns pontos é visível, mostrando total descaso para com a História e para com a Ecologia. Por isso, na escolha do tema para a monografia do Curso de Especialização em Ecoturismo resolveu-se pesquisar sobre o Caminho dos Ambrósios e propor sua revitalização no trecho entre Tijucas do Sul (PR) e Garuva (SC), desenvolvendo-se o Ecoturismo na região através da integração do poder público e da iniciativa privada, bem como com a efetiva participação da população local. Isto poderá beneficiar os moradores com geração de emprego e renda e incentivar os empreendedores para a possibilidade de utilizar os recursos naturais de maneira sustentável. Este trabalho foi desenvolvido em duas etapas paralelas: a pesquisa bibliográfica e a de campo, onde foram percorridos 54,5 km de caminho, passando por matas, vales e abismos, rios e cachoeiras, descobrindo-se o calçamento de pedras ainda existente em alguns trechos e aumentando a curiosidade e o empenho em resgatar e revitalizar este patrimônio que, através das figuras, mostra sua beleza e importância histórica. Nesta segunda etapa foi utilizado o sistema GPS (Global Positioning System) de determinação da posição de um objeto na superfície da Terra por meio de satélites para medir e demarcar o trecho do caminho referente a esta pesquisa. O Caminho dos Ambrósios é um patrimônio histórico e natural que deve ser conhecido.

APRESENTAÇÃO

Poucas são as picadas indígenas que podem ser regularmente localizadas pelos arqueólogos: aquelas que foram utilizadas mais tarde pelos desbravadores e, mantidas depois, por longo espaço de tempo, principalmente visando o comércio entre localidades, podem ser razoavelmente identificadas, como aquelas que serviram para a travessia da Serra do Mar, entre os campos de Curitiba e o litoral, quando os índios desciam para mariscar ou subiam para colher pinhões. Essas trilhas foram marcos originários de vários caminhos da Graciosa, do Itupava — e especialmente do Caminho dos Ambrósios, o objetivo desta monografia.

O Caminho dos Ambrósios pode ser considerada a primeira via de passagem regular entre os moradores do estado do Paraná e Santa Catarina, e também a primeira passagem de gado provindo dos campos do Rio Grande do Sul com destino a Sorocaba, SP. Ao resgatar a memória desse caminho, parte situado no município de Tijucas do Sul, importantíssimo na definição geográfica da região sul do Brasil, bem como da sua integração comercial e colonização, pretende-se ir de encontro à filosofia do turismo sustentável, visando a conciliação da educação, da preservação e do lazer, ampliando a conscientização do valor do ecossistema Floresta Atlântica. Conseqüentemente, surgirá uma ação protecionista, surgindo assim uma alternativa de desenvolvimento para as comunidades locais, consolidando a região metropolitana de Curitiba como um forte destino turístico.

Os moradores do município de Tijucas do Sul sempre ouviram falar nesse caminho de grande importância histórica, cheio de lendas e mistérios. E, justificando esta pesquisa, despertou a necessidade de se conhecer mais profundamente sua história, reconstituir seu traçado e preservar esse patrimônio histórico, podendo ser trilhado por ecoturistas que sentirão a mesma emoção de outros caminhos históricos. O objetivo geral traçado é o de propor a revitalização do Carrinho dos Ambrósios, no trecho entre Tijucas do Sul (PR) e Garuva (SC), baseada nos princípios do ecoturismo.

A estrutura dos capítulos foi assim delineada: o capítulo 2 discorre sobre ecoturismo, trilhas interpretativas, capacidade de carga e desenvolvimento sustentável; o capítulo 3 trata da importância dos caminhos, citando os mais conhecidos, principalmente para os paranaenses, como o Caminho da Graciosa e do Itupava. O capítulo 4 fala especificamente sobre o Caminho dos Ambrósios, sua geografia, origem, exploração, colonização e abandono. O capítulo 5 traz a situação atual do caminho, com inúmeras figuras, e a proposta de revitalização, expondo condições necessárias para que ela se tome viável.

Os procedimentos metodológicos se basearam no método histórico, baseado principalmente em pesquisa bibliográfica. Além disso, conversou-se com os moradores mais antigos do município de Tijucas do Sul, tentando resgatar algum detalhe a mais, e foi feito o levantamento do traçado do caminho, utilizando o sistema GPS, e baseado no mapa de MOREIRA.

Considera-se um trabalho de interesse de toda a sociedade, mas, principalmente, é um levantamento "in loco" da história, que pode ser revitalizado e servir de lazer para ecoturistas e de fonte de renda para os moradores do local. Tudo isso, levando em conta os princípios que defendem o meio ambiente.

ECOTURISMO

Sabe-se que o custo social da industrialização que foi absorvido nas décadas passadas, tem hoje a outra face da moeda para ser usada para o pagamento do custo ambiental de uma sociedade consumista. O desenvolvimento clássico das atividades empresariais e industriais tem submetido o planeta nas últimas décadas a um desgaste preocupante.

Porém, tendências e ações têm trazido a perspectiva de mudança na direção de uma maior consciência ambiental no sentido do desenvolvimento em bases sustentáveis pois já se entende que somente mudando o modo de ser e com a utilização harmônica dos recursos naturais pelas comunidades atuais que se manterá suficiente e se impedirão impactos ambientais e culturais, permitindo também atender as necessidades presentes e futuras dos homens.

Existem várias formas de turismo, mas uma que está em alta nos últimos anos é o ecoturismo. Para LINDBERG & HAWKINS (1995:61), define-se ecoturismo como "viagem responsável a áreas naturais, com o fim de conservar o meio ambiente e promover o bem-estar da comunidade local". Segundo os autores, o ecoturismo explodiu no mundo das viagens e da conservação como um maremoto; porém, suas origens são definitivamente mais evolutivas que revolucionárias. As raízes do ecoturismo encontram-se na natureza e no turismo ao ar livre. Os visitantes que há um século chegavam em massa aos parques nacionais de Yellowstone e Yosemite, por exemplo, foram os primeiros ecoturistas. Os viajantes pioneiros que se embrenharam por Serengeti há 50 anos e os aventureiros caminhantes do Himalaia que acamparam no Anapurna 25 anos mais tarde eram tão ecoturistas quanto os milhares que hoje fotografam os pinguins na Antártida.

No plano ideal, o ecoturismo protege o meio ambiente e é uma forma de turismo sustentável que também beneficia as comunidades locais. Mas, o ecoturismo é mais do que uma pequena elite de amantes da natureza. É, na verdade, um conjunto de interesses que emergem de preocupações de ordem ambiental, econômica e social.

O turismo é hoje uma das maiores atividades econômicas do mundo. É uma forma de pagar pela conservação da natureza e de valorizar as áreas que ainda permanecem naturais. De que forma o dinheiro dos turistas podem reverter para a conservação e torná-la autossustentável ou como o valor não monetário que as pessoas atribuem às regiões naturais pode ser quantificado? É uma das questões centrais de um novo ramo da "economia verde": o desenvolvimento sustentável.

Uma parte importante do ecoturismo é a participação das comunidades locais no processo. De acordo com LINDBERG & HAWKINS (1995:16-17), "como responsáveis pela terra, como aqueles que mais podem perder com a conservação, os moradores das comunidades locais devem participar do processo. Uma política justa e sensata e uma economia equilibrada devem ter como meta fazer dos moradores locais sócios e beneficiários da conservação. Segundo os autores, a sociedade de ecoturismo, "The Ecotourism Society" oferece uma definição de ecoturismo: "É a viagem responsável a áreas naturais, visando preservar o meio ambiente e promover o bem-estar da população local".

O interesse crescente pelo ecoturismo entre os governos dos países em desenvolvimento, os operadores comerciais, as organizações assistenciais e os conservacionistas dá a dimensão do seu enorme potencial econômico e conservacional. "Os ecoturistas gostam de utilizar os recursos e a mão de obra local. Isso se traduz em entrada

de divisas do exterior, projetos adequados ao meio ambiente e engajamento dos moradores da região na indústria de viagens” (LINDBERG & HAWKINS, 1995:17).

Considerando que é uma tendência em termos de turismo mundial que aponta para o uso sustentável de atrativos no meio ambiente e nas manifestações culturais, deve-se ter em conta que somente haverá condições de sustentabilidade caso haja harmonia e equilíbrio na busca da harmonia entre os seguintes fatores: resultado econômico, mínimos impactos ambientais e culturais, satisfação do ecoturista (visitante, cliente, usuário) e da comunidade (visitada).

O relacionamento ecoturista-destino-interesse é, além de sentimental e intelectual, sobretudo ativo, físico, mais completo. É importante entender que a principal característica do ecoturismo é enfatizar o conteúdo, ou seja, o interesse principal da viagem: a informação, a compreensão e a experiência que atinjam as expectativas do viajante. Programas com atividades ligadas ao meio ambiente natural, em geral amadoras, onde os participantes mantêm contato com a natureza. Atividades: Caminhadas, Observação de Aves, Etc.

Ecoturistas são os participantes destas viagens. Em geral, são pessoas adultas ou da terceira-idade, adolescentes e crianças (integrantes de grupos familiares ou escolares). São pessoas com espírito de aventuras, curiosas e que adoram sobretudo compartilhar experiências. Suas viagens não são necessariamente difíceis e raramente eles são submetidos a desafios e a testes de habilidades especiais ou prévia experiência. Eles viajam em grupos pequenos, em geral não mais de 15, em média de 8 e, às vezes, só 4 por grupo, e têm como característica o trabalho de equipe e o companheirismo.

Basicamente, ecoturistas gostam de atividades em contato com a natureza. Da beleza de uma área natural e preservada. Do prazer de observar a fauna em seu habitat natural. Da ansiedade de explorar o descobrir. Gostam de atividades tais como cruzeiros costeiros, acampamentos em parques nacionais e locais conservados, montanhismo e escaladas, caminhar em áreas de alimentação e cria de aves migratórias, explorar e aprender sobre a flora e a fauna de ecossistemas. Adoram descobrir como é fácil ler um mapa, navegar um rio e até mesmo aprender técnicas de escalar, mergulhar, orientação em campo, canoagem, cavalgar, arrumar e portar uma mochila, acampar. Eles gostam da autoconfiança que adquirem, mesmo quando, sob um "sol de rachar" ou um "frio de trincar", na aridez do deserto ou sob chuvas torrenciais, aturando com entusiasmo solavancos, roupa encharcada, arranhões e contusões. Não que gostem de desconforto, é apenas uma questão de superar obstáculos e sentir o prazer de superá-los. Sempre buscam ser recompensados com a beleza de um lugar inóspito, ver o panorama do topo de uma montanha, acampar junto a um lago de águas plácidas e cristalinas, observar um albatroz planando ao sabor do vento ou jacarés às margens de uma lagoa. E sobretudo adoram o prazer de compartilhar experiências com amigos e familiares.

Dentro desse contexto o que é ecoturismo e quem é o ecoturista — propõem-se a revitalização de parte do Caminho dos Ambrósios, buscando uma harmonia entre turismo, conservação e cultura.

TRILHA INTERPRETATIVA

A necessidade de buscar lugares em que o homem esteja em contato direto com a natureza é cada vez mais presente. Esses locais não só têm atrativos naturais recebendo um

cada vez maior de visitantes como também as administrações públicas estão começando a ver o ecoturismo como uma nova fonte de renda e emprego.

Mas, para incorporar o ecoturismo e manter o equilíbrio entre custos e benefícios, as pessoas que irão administrar a trilha precisam estar preparadas. É necessário que, em parceria com as comunidades locais, seja traçado um plano de gestão com estratégias bem definidas e fundos disponíveis para a implantação. O impacto ambiental deve ser levado em conta — visto de uma forma holística -incluindo os efeitos sobre o ambiente local. COOPER et alli (2001:187) expõem: "Uma vez que as consequências ambientais de nossas ações sejam reconhecidas, estas informações podem ser incorporadas em todos os níveis de tomada de decisão para garantir o uso efetivo dos recursos limitados do planeta"

A conservação é a utilização inteligente dos recursos naturais. O manejo dos recursos do ambiente como água, ar, solo, minerais e espécies viventes — incluindo o homem de a conseguir a mais alta qualidade de vida humana sustentada. Os manejos dos recursos incluem prospecções, pesquisa, legislação, administração, preservação, utilização, educação e treinamento.

É imprescindível que o homem assuma um papel tutorial no que tange à manutenção do ambiente. Várias podem ser as estratégias empregadas para alcançar as metas propostas da Trilha Interpretativa com explicações sobre o meio ambiente, viabilizando uma melhor compreensão da natureza, pelo relato da história e inter-relacionamento das diversas comunidades animais e vegetais e a proteção dos recursos através da compreensão do seu valor.

As trilhas de interpretação da natureza têm se mostrado como uma das estratégias mais efetivas, tanto com relação ao turismo como para a educação ambiental e ainda para resgatar a memória histórica do país. Sua forma de utilização é bastante ampla, admitindo enfoques variados, dependendo do interesse, faixa etária, quantidade e qualidade dos conhecimentos do público-alvo.

CAPACIDADE DE CARGA

A ideia de capacidade de carga está fundamentada em cada um dos impactos económicos, ambientais e socioculturais. Segundo COOPER et ali (2001:218), o fato de que a atividade turística tem um impacto nos aspectos sociais, culturais e ambientais de uma destinação traz consigo certas implicações. Para começar, "se estes impactos estão com certeza relacionados ao volume de turistas, pode ser uma atitude realista supor que há certos limites além dos quais ecoturistas adicionais não serão tolerados ou aceitos. Exceder esses limites provavelmente afetará as facetas do desenvolvimento turístico.

É muito importante observar esse limite de turistas, pois, caso contrário, o atrativo natural correrá o risco de ser degradado, causar insatisfação, expor os turistas a riscos físicos e prejudicar a atratividade do local. Segundo COOPER et alli (2001 :144):

A ideia de capacidade de carga é central ao conceito de sustentabilidade. Colocada de forma bastante simples, a capacidade de carga de um local ou mesmo uma região refere-se à sua capacidade de absorver o uso pelo turismo sem deteriorar-se. Em outras palavras, a capacidade de carga intervém no relacionamento entre o turista e o

recurso turístico, ou destinação. O conceito de capacidade de carga, assim como de sustentabilidade, tem suas raízes no gerenciamento de recursos, mas é particularmente importante agora, uma situação em que recursos limitados das destinações estão sob crescente pressão dos usuários.

Então, capacidade de carga é o número máximo de pessoas que podem utilizar um local sem grandes alterações no ambiente físico e sem um declínio inaceitável na qualidade da experiência dos visitantes. É preciso muito cuidado, pois a questão é complexa no que se refere à capacidade de carga ambiental. Qual deveria ser a carga "aceitável"? O ambiente, a flora e a fauna que irão receber o impacto não podem escolher; logo, o homem é que determinará sobre essa questão, nos momentos propícios. Tudo isso é muito subjetivo.

Um dos danos mais frequentes são os causados por muitas pessoas visitando a um mesmo lugar e a principal consequência é que em breve, os milhares de pés que seguirem a trilha, simplesmente estragam e destroem a vegetação da superfície. Em seguida o vento e a chuva removem o solo ou em áreas de pouca drenagem, cria-se um lodaçal. Desta forma, teremos provocado um permanente e irreparável dano à natureza. É errado levar ou deixar qualquer coisa na natureza, não importa quão pequeno possa parecer diante da imensidão natural pois como a cada ano cresce o número de visitantes, há um efeito cumulativo e devemos estar preparados para controlar fluxos pois, toda ação praticada, todo comportamento devem ser considerados à luz do que acontecerá se milhares de pessoas o repetirem.

Praticar um código de mínimo impacto é bom, levar para casa o seu lixo é melhor, mas somente essas atitudes não serão suficientes para proteger e preservar o patrimônio natural. Cada um deve procurar orientação toda a vez que se aventurar no ambiente natural, para aprender e se conscientizar de como agir para protegê-lo e conservá-lo. O contato com a natureza tem se tornado bastante popular ultimamente, talvez como um antídoto para as pressões da vida moderna potencializado pela velocidade e poder da informação e da mídia. Hoje, mais do que nunca, mais pessoas têm sido introduzidas às atividades ao ar livre, por escolas, organizações, empresas e é importante ressaltar que ainda há muito espaço para todos, contanto que se entenda o meio ambiente respeitando, preservando e sobretudo com urna consciência ambientalista.

É vital que o meio ambiente seja protegido e conservado para as gerações futuras. Para que o ecoturismo não provoque ou sofra impactos negativos, deve-se promovê-lo com critérios de mínimo impacto ambiental e cultural, uma vez que impactos, negativos ou positivos, sempre ocorrerão, pois, todas atividades humanas têm um custo ambiental elou cultural. Um aspecto importante é a análise do impacto decorrente da ação dos frequentadores. Recomenda-se que seja mensal ou bimestral. Deve-se estar atento à proliferação dos danos causados ao ambiente. Deve-se estar atento à proliferação dos danos causados ao ambiente. Dentre eles o lixo, a vegetação quebrada ou arrancada, ou pisoteio, erosão, painéis e placas danificadas e outros de fácil verificação.

Recomenda-se que os grupos de frequentadores sejam pequenos, em número reduzido, com no máximo 15 integrantes. Objetiva-se, com este melhor aproveitamento, por parte do grupo e também o aspecto da conservação do ambiente. O mais importante é que seja determinada a capacidade de carga de maneira que:

- a diversidade cultural seja mantida;
- os recursos hídricos abundantes nesta região sejam protegidos;

- as belezas panorâmicas sejam conservadas;
- os sítios históricos e culturais sejam protegidos;
- seja assegurada a qualidade ambiental;
- proporcione a educação ambiental;
- proporcione sustentabilidade ao património e às comunidades em seu entorno.

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

A preocupação com a conservação dos recursos naturais e formas de sua utilização está cada vez mais presente nas ações do setor público e privado, pois as questões ambientais são fundamentais para a viabilização da economia e qualidade de vida da população. Segundo MULLER (1999) "os seres humanos esquecem-se que, como habitantes da Terra, serão fatalmente atingidos pela destruição dos fatores de sustentação do equilíbrio ecológico planetário".

Considerando que a matéria-prima do turismo é o patrimônio natural e cultural, necessário se faz que sejam utilizados com racionalidade. Assim, a única alternativa para que a atividade turística subsista no longo prazo é que o seu desenvolvimento ocorra de acordo com os princípios de sustentabilidade. Neste sentido, existem diversas definições sobre desenvolvimento sustentável. Dentre elas destacam-se: a da Comissão Brundtland, citada por GARFORTH (1995) - "desenvolvimento que supre as necessidades do presente sem impedir que as gerações futuras supram as suas próprias"; e a da Organização Mundial do Turismo (1994), que menciona: "desenvolver sem deteriorar o património cultural, os recursos naturais e o meio ambiente, administrar a utilização e renovação simultânea dos recursos, procurar recursos que se renovem e se regenerem mais rapidamente e ter presente que é preciso satisfazer a necessidade do momento sem comprometer a capacidade de atender as gerações futuras".

A OMT sintetiza enfatizando que há necessidade de "pensar globalmente e agir localmente", e recomenda que os planos de ação para o turismo devem respeitar a sustentabilidade ecológica, sociocultural e econômica, considerando que estes são os princípios fundamentais do desenvolvimento sustentável. Em estudo, SILVEIRA (s.d.) aborda a necessidade para se buscar um modelo de desenvolvimento mais adaptado às questões ambientais, mais racional, mais eficiente e mais harmônico. Quanto ao desenvolvimento sustentável ou durável, se refere que é um resgate da "racionalização completa, o que inclui o respeito aos próprios limites da razão, buscando um equilíbrio entre as diferentes lógicas do social, do econômico e do ecológico". Fundamentando-se nos princípios de sustentabilidade, MULLER (1999) criou um conceito de desenvolvimento sustentável relacionado às atividades turísticas: -turismo sustentável é aquele que satisfaz as necessidades dos turistas e das regiões anfitriãs atuais, protegendo e as oportunidades turísticas futuras".

Assim, conclui-se que o turismo pautado nos princípios de desenvolvimento sustentável, utilizando o patrimônio turístico de maneira racional e eficiente, respeitando o meio ambiente e a comunidade local, tem condições de explorar as potencialidades turísticas, oferecer serviços de qualidade, satisfazer as necessidades dos turistas e beneficiar a população local, contribuindo para o desenvolvimento econômico e social no curto, médio e longo prazo, permitindo condições de sustentabilidade inclusive para as gerações futuras.

CAMINHOS: NECESSIDADE HISTÓRICA

Muitos foram os caminhos que existiram no mundo. Alguns deixaram vestígios, de outros, nada restou. Aqueles que foram revestidos com pedras e os que foram utilizados por muitos ao longo do tempo deixaram suas marcas, bem como aqueles que ficaram registrados (documentados) perduram até hoje na história da humanidade. As civilizações caminharam integrando povoados distantes — por necessidade ou curiosidade — desbravando caminhos terrestres, aquáticos e, mais tarde, aéreos. Como diz PEREIRA (1962:27), "toda a civilização tem a sua história numa história de caminhos". A história da humanidade pode ser traduzida em uma história de caminhos, que se aprofundam e se alargam, se encurtam e se aplainam, para levar e trazer valores materiais e culturais.

Por exemplo, o Caminho de Compostela é percorrido há mais de mil anos, por peregrinos a pé, de bicicleta, a cavalo ou de carro, em busca da benção de Santiago de Compostela, cuja cidade surgida lá tem o mesmo nome. A história desta cidade começa com a viagem de Tiago no ano de 38 d.C., numa missão evangelizadora. Seis anos depois, morreu na Palestina, decapitado. Seus seguidores carregaram sua urna mortuária de volta à Galiza, mas o túmulo só seria descoberto em 813. E então começaram as peregrinações.

O Caminho de Compostela é o orgulho da Espanha. Atrai milhares de turistas (peregrinos), principalmente depois que o escritor brasileiro Paulo Coelho descreveu sua jornada naquela região. Os peregrinos levam cerca de um mês para fazer a pé o trajeto de 750 km. De carro, uma semana é o tempo ideal. Esse caminho é todo envolto em muito misticismo e uma coisa é certa: de qualquer maneira que ele seja percorrido, ninguém volta o mesmo depois de uma viagem como esta. Para Paulo COELHO (2001:21), conhecido autor brasileiro que fez o Caminho de Compostela, "o primeiro milênio do cristianismo conheceu três rotas consideradas sagradas e que resultavam numa série de benções e indulgências para quem percorresse qualquer uma delas". Segundo o autor, a primeira rota levava até o túmulo de São Pedro, em Roma, e seus caminhantes tinham por símbolo uma cruz e eram chamados de romeiros. A segunda rota levava até o santo sepulcro de Cristo, em Jerusalém, e os que faziam este caminho eram chamados de palmeiros, por que tinham como símbolo as palmas com que Cristo foi saudado quando entrou na cidade. Finalmente, existia um terceiro caminho — que levava até os restos mortais do apóstolo São Tiago, enterrados num local da Península Ibérica — onde, certa noite, um pastor havia visto uma brilhante estrela sobre o campo. A lenda conta que não apenas São Tiago, mas a própria Virgem Maria, estiveram por ali, logo após a morte de Cristo, levando a palavra do Evangelho e exortando os povos a se converterem. O local ficou sendo conhecido como Compostela — Campo da Estrela — e logo surgiu uma cidade que iria atrair viajantes que percorriam a terceira rota sagrada. Foi-lhes dado o nome de peregrinos e passaram a ter como símbolo uma concha.

Assim como o Caminho de Compostela, existem muitos outros espalhados pelo mundo, místicos ou não.

CAMINHOS DO BRASIL

Antes do descobrimento, os índios já percorriam as terras do Brasil, abrindo picadas em busca de alimento. Depois vieram os europeus, bandeirantes, colonizadores, jesuítas e

escravos, que além de utilizarem as trilhas indígenas já existentes, foram abrindo mais caminhos nas conquistas territoriais. Citando PEREIRA (1962: 10), "é a história das minas de Cuiabá e, depois, a da conquista dos seringais nativos do Juruá, do Abuná e do Acre". Os caminhos foram cruzando regiões por todo o Brasil, ligando nordeste, norte, sudeste, centro-oeste, oeste e sul; foram sendo aprimorados e se transformaram nas rodovias que hoje são conhecidas.

HABITZREUTER (2000:2) diz: "nos primeiros séculos da colonização e ocupação territorial brasileira, o deslocamento humano era feito por rotas terrestres precárias, algumas já existentes antes do descobrimento". Essas rotas eram denominadas de "caminhos", por onde circulavam os chamados viadantes, acompanhados de tropas de cavalos e muares. Depois, apareceram as primeiras estradas carroçáveis, que foram depois transformadas em rodovias.

Alguns caminhos se destacaram na conquista e colonização do sul do Brasil. No território paranaense, vários caminhos existentes cortavam a região. O caminho pré-colombiano do Peabiru, que ligava o Brasil ao Paraguai, Bolívia e Peru, com derivações para a Argentina e o Chile, foi provavelmente o mais antigo. Era um caminho que ligava São Paulo ao oceano Pacífico, no Peru.

O Paraná também foi um elo de ligação entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina com São Paulo e Rio de Janeiro. A seguir, serão relatados alguns caminhos — os quais, inclusive, ainda existem e são trilhados por turistas, ecologistas e estudiosos — do sul do Brasil.

Caminho do Itupava

Aberto por volta de 1625, é o mais importante caminho para o trânsito de comerciantes aventureiros (figura 1). VIEIRA, citado por HABITZREUTER (2000:67), conta que:

[...] a trilha teria sido aberta por um caçador da Borda do Campo em perseguição a uma anta, até a região de Porto de Cima. Com o tempo que se seguiu, a trilha passou a ser frequentada cada vez mais por caçadores, aventureiros e faiscadores de ouro, sendo denominada Caminho do Itupava. Através dos séculos, também foi chamada de Caminho Real, Caminho da Serra, Caminho de Morretes, Caminho de Curitiba, Caminho dos Jesuítas, etc.

Ainda HABITZREUTER (2000:67): "apesar das suas péssimas condições de tráfego, o Caminho do Itupava tinha a vantagem de ser o mais curto percurso entre os campos de Curitiba e litoral. Durante muito tempo, este caminho servia apenas a viadantes com cargas aos ombros, pois sequer possibilitava a passagem de animais como mulas e cavalos".

que, de serra acima, se dirigem às povoações do litoral, especialmente a da Graciosa, que comunica a Vila de Antonina com a cidade de Curitiba [...].

Somente em 1866, o governo imperial liberou recursos financeiros que permitiram a abertura definitiva da Estrada da Graciosa, pavimentada com pedras regulares num trecho de 12 km e que, até hoje preservada, e se constitui num dos principais pontos de atração turística do estado do Paraná. Curvas fechadas, cascatas, pontes, fauna e flora exuberantes e paisagens inesquecíveis constituem um espetáculo digno e respeitado do trecho da Serra do Mar mais preservado do país.

Caminho do Arraial

Segundo HABITZREUTER (2000:27), alguns historiadores apontam o ano de 1531 como o da partida da expedição de Cananéia que objetivava alcançar os campos de Curitiba e a nascente do rio Iguazu. Como nenhum integrante dessa missão sobreviveu, "ficou impossível afirmar qual trajeto teria sido feito para vencer os contrafortes da Serra do Mar. "[...] da imprecisão das informações tem-se o relato de Vieira dos Santos indicando o período entre 1586 e 1590 como sendo o da abertura da picada que originou o Caminho do Arraial".

O nome Arraial originou-se pela existência do Arraial Grande dos mineradores de ouro, que, por uma trilha, construíram um caminho para facilitar o acesso da serra até o litoral, entre São José dos Pinhais e Morretes.

Para o autor acima citado, o caminho do arraial era o preferido dos moradores da região de São José dos Pinhais e da Lapa (na época chamada Vila dos Príncipes) era transitável apenas com bom tempo, possuía, pois, trechos alagadiços em meio a pequenos rios, no planalto, e a sua descida na região do Cabrestante, tornava-se tarefa de alto risco para ser feita, tendo em vista a acentuada declividade do terreno.

Como alternativa, os moradores da região usavam então o Caminho do Rupava, surgindo mais ou menos na mesma época.

O Caminho do Arraial é o menos visitado pelos turistas, por ser difícil a sua localização. Por esta razão, é o melhor conservado, com as pedras sendo encobertas em vários trechos pela exuberante Mata Atlântica.

Caminho do Viamão

Este caminho ligava o continente de São Pedro (RS) a Sorocaba (SP). De acordo com MOREIRA (1975:626):

[...] devemos compreender historicamente como "Caminho do Viamão" todas as vias que ligavam o continente de São Pedro ao registro do gado e das cavalgaduras do Rio Grande de Curitiba (Iguaçu). Isto porque, do Viamão saíam as tropas que transitavam pelos três caminhos: o das Praias, o de Araranguá, aberto por Francisco de Souza e Faria, e o de Santo Antonio da Patrulha, por Cristóvão Pereira de Abreu.

Figura 4 -Mapa do Caminho do Viamão nos estados do Paraná e Santa Catarina



Fonte: MOREIRA, J. E. Caminhos das comarcas de Curitiba e Paranaguá, p. 664.

ELLIS JR, citado por MOREIRA (1975:611), entende que “talvez a estrada do Rio Grande a São Paulo tenha sido a rota de maior importância na história do Brasil, pois, sem ela, não teria havido o café e nem a unidade nacional teria sido levada a cabo”.

Pelo discernimento dessa ideia de MOREIRA entende-se a importância que os caminhos tiveram durante o desenvolvimento histórico do Brasil.

O CAMINHO DOS AMBRÓSIOS

Antes de iniciar a descrição dos aspectos histórico-etnográficos do Caminho dos Ambrósios, entende-se necessária a descrição física (geográfica, geomorfológica e fitogeográfica) daquela região.

DESCRIÇÃO FÍSICA DA REGIÃO

A região que abrange o Caminho dos Ambrósios está subdividida em grandes compartimentos geomorfológicos (segundo Plano Diretor de Manejo Florestal da Região Metropolitana de Curitiba, 1988), assim expostos:

A Serraria Costeira é constituída pelos grandes maciços montanhosos e escarpados elaborados sobre as rochas graníticas e granitoides da Serra do Mar. Ocorrem solos litólicos nos pontos culminantes e latossolos rejuvenescidos próximo as bases das montanhas. As superfícies de aplainamento reduzido, preservadas em espaços intermontanos, possuem aptidão a alguns tipos de ocupação e uso do solo.

O Planalto de Curitiba, subzona geomorfológica Planalto Cristalino, esculpido sobre os terrenos do Embasamento Cristalino, com colinas de topos arredondados, vertentes convexas e dissecação generalizada. Ocorrem solos da classe latossolo, solos podzólicos e, secundariamente, solos da classe cambissolo. Possuem certos limites em seu uso e ocupação.

O relevo local varia de plano para forte ondulado, predominando o ondulado e forte ondulado. As declividades oscilam conforme as altitudes.

A região delimitada para este trabalho está em áreas de tensão ecológica, que correspondem a faixa de interpenetração de floras, ou seja, contato da Floresta Ombrófila Densa/Floresta Ombrófila Mista.

A Floresta Ombrófila Mista está caracterizada pela dispersão natural da *Araucaria angustifolia* (pinheiro-do-Paraná). No século XIX MARTIUS definiu essa região florística que compreende os terrenos dos bosques de araucária ao sul do Brasil como "Napaeas"

O Complexo do Pinheiral é um conjunto de vegetação heterogênea sem tipos peculiares de vegetação, está inserido na subprovíncia austro-oriental da Província Atlântica na divisão fitogeográfica do Brasil (RIZZINI, 1963).

AB'SABBER (1970) dividiu o país em seis grandes domínios morfoclimáticos e fitogeográficos, classificando essa região na faixa de domínio dos Planaltos de Araucária, identificando-a com as províncias biogeográficas de UDWARDY (1975) onde o imóvel tem a localização no Planalto Brasileiro, que abrange os estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

A Floresta Ombrófila Densa é uma formação que tem recebido várias denominações que na primeira metade do século passado MARTIUS a definiu como "Serie Dryades". Outras designações comuns são: Floresta Perenifólia Higrófila Costeira, Floresta Tropical Atlântica e Mata Pluvial Tropical.

Um complexo vegetacional que, embora denominado pela Floresta Pluvial Montana, engloba vários tipos muito díspares. Inserida na região da cordilheira, subprovíncia austro-oriental da Província Atlântica, divisão fitogeográfica do Brasil de RIZZINI (1963), esta

localiza-se sobre a imensa cadeia montanhosa litorânea, que corre ao longo do Oceano Atlântico, desde o Rio Grande do Sul até o Nordeste Brasileiro (RIZZINI, 1997).

AB'SABER (1970) no trabalho Províncias Geológicas e Domínios Morfoclimáticos, enquadra essa região como Área de Transição, e as províncias biogeográficas do Brasil proposta por UDVARDY (1975) localiza-a na Serra do Mar.

Quanto ao clima da região, a macro caracterização climática encontra-se sob o domínio do tipo Cfb da classificação universal de W. KÖEPPEN ou IV-7 de TROLL (MAACK, 1968), o qual é definido como subtropical úmido mesotérmico, quente temperado, sempre úmido, com temperatura média anual de 16,50 C.

A temperatura média do mês mais quente é de 20,40 °C e do mês mais frio, de 12,70°C; a precipitação anual varia entre 1500 a 1700 mm. A região também sofre influência do tipo Cfa devido sua posição geográfica, ou seja, Serra do Mar. Este tipo apresenta verões quentes e geadas frequentes, havendo uma tendência das chuvas se concentrarem nos meses de verão (ITCF, 1990).

Nos últimos três anos a variação climática alterou alguns índices, tais como a precipitação anual, que ficou entre as isoietas de 1600 a 1800 mm (SIMEPAR, 1999).

Quanto à vegetação, a região encontra-se situada em região ecotonal da Floresta Ombrófila Densa Montana e Floresta Ombrófila Mista Montana, sendo que esse contato entre florestas possui estruturas fisionômicas semelhantes.

A Floresta Ombrófila Mista, também conhecida como Mata de Araucária ou Pinheiral, é um tipo de bioma do Planalto Meridional. A espécie *Araucaria angustifolia* imprime um aspecto fitofisionômico próprio, em virtude de sua abundância, porte e copa, características que emergem sobre o restante da vegetação arbórea (RODERJAN et al., 1984). Esta floresta procede da ocorrência da mistura de floras de diferentes origens.

A Floresta Ombrófila Densa é caracterizada por fanerófitos, justamente pelas subformas de vida macro e mesofarenófitas, além de lianas lenhosas e epífitas abundantes, que diferenciam das outras classes de formações (VELOZO et al., 1991). Ela também possui outras características como alta precipitação quase sem períodos secos e os fatores climáticos tropicais com elevadas temperaturas.

Numa descrição histórica da geografia do lugar, MOREIRA (1975:547) cita que "primitivamente as regiões que ficavam ao poente da Serra do Mar eram denominadas 'Distrito de Paranaguá', 'Sertão de Paranaguá' ou, genericamente, 'Campos de Curitiba'".

Aos poucos foi se delineando as paragens campestres do planalto, começando a ser conhecidas por nomes a elas peculiares. Assim, apareceram o Campo dos Ambrósios e os de São José, separados dos de Curitiba.

A região dos Ambrósios era formada por pradarias, com aguadas e capões, muito especial para a criação e invernagem de gado.

Nesses campos nasciam os rios da Várzea e Negro.

Há um relato em LALLEMANT (1980:255) sobre os aspectos físicos do Campo dos Ambrósios, que diz:

[...] não é o Campo dos Ambrósios um simples campo relvado; antes uma região onde se alternam campinas, matas e depressões pantanosas, com o que ganha expressão de isolamento e abandono, mormente antes de começar a primavera, quando a relva murcha ainda não renovada e o gado emagrecido pelo inverno ainda se açoitava na mata em exemplares pouco numerosos. Todavia, a vista de uma região ampla e aberta, embora erma, é maravilhosamente surpreendente e refrigerante para quem, como nós, vagueou no espaço apertado de uma picada sob a sombra de florestas úmidas e

Esse caminho foi trilhado primeiramente pelos indígenas e depois expedições europeias e, por fim, pelos colonizadores. Tomando como ponto início descobrimento do Brasil, o Caminho dos Ambrósios foi utilizado desde este até 350 anos depois.

ORIGEM HISTÓRICA DO CAMINHO

O Caminho dos Ambrósios é antiquíssimo. Não se sabe ao certo quando foi aberto. Segundo MOREIRA (1975:539), “uma trilha índia, pré-cabraliana, c admitem os estudiosos, foi a via de penetração dos pioneiros que da baía da Babitonga ultrapassaram a serra, em demanda dos desconhecidos campos do planalto”.

SANTOS (1973:28) cita BECK, que admite que:

os primeiros grupos humanos a penetrarem em territórios de Santa Catarina fossem grupos caçadores e coletores que teriam atingido a região através do vale do rio Uruguai, isto por volta de 5.500 a. C. Posteriormente, o litoral, em face dos amplos recursos alimentares de que dispunham teria servido como polo de atração, abrigando populações diversificadas e por um longo período de tempo. O povoamento do litoral iniciou-se provavelmente cerca de 3.000 a.C., estendendo-se praticamente até a chegada dos grupos europeus.

No século XVI, quatro expedições estiveram na baía de Babitonga, explorando as regiões vizinhas: Binot Paulmier de Gonneville, em 1504; João Dias de Solis, em 1515; Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, em 1541; e expedição Sanábria, em 1553. Sobre estas expedições, MOREIRA (1975:539-540) descreve:

Em 5 de janeiro de 1504 entrou na baía da Babitonga o veleiro Espoir, de 120 toneladas, sob o comando do francês Palmier de Gonneville, e aí permaneceu até 3 de julho com a missão de exploração do continente. Ficaram por seis meses investigando todas as regiões vizinhas. O trabalho dos franceses fora facilitado pelas boas relações com os carijós. Nesses seis meses 'reconheceram a fertilidade da terra, coberta de espessas florestas, onde abundavam aves e animais de várias espécies'.

Em 1515, chegou na baía de Babitonga uma nova expedição com a missão de explorar as terras do sul do Brasil, com o propósito de encontrar passagem, através do continente (o que procurava Dias de Solis foi resolvido pelo navegador

Fernão de Magalhães que, em 1520, encontrou passagem entre a Patagônia e a Terra do Fogo, em pleno sul do continente). Dias de Solis, ao chegar ao continente, deu à baía onde atracou o nome de São Francisco. O topônimo carijó Babitonga foi mantido pelos habitantes da região e ali ainda hoje persiste.

Depois de Solis, um viajante íbero — Dom Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca — foi designado pela coroa espanhola para comandar a histórica expedição que da Babitonga seguiria para o Paraguai. MOREIRA (1975:541) relata que:

pela grande experiência que possuía em árduos empreendimentos, foi nomeado, em 2 de novembro de 1540, para importantes missões na América do Sul, onde os limites

das terras portuguesas e espanholas ainda não estavam bem delineadas Ao que parece, deveria garantir a posse da costa sul do continente, proteger a incipiente colônia platina e governar o Paraguai.

Guiado pelos índios carijós, Cabeza de Vaca e seus soldados penetraram pela Babitonga até Três Barras e, subindo a serra, alcançaram os campos do planalto. Daí rumaram para seu destino.

Com a passagem dessa expedição castelhana, estava aberto o caminho desde São Francisco, Campo dos Ambrósios e Campos Gerais até o Paraguai.

Já EHLKE (1973:55) defende que Cabeza de Vaca não teria entrado pela Baía da Babitonga, mas pelo Rio Itapocu, quando de Santa Catarina subiu ao Paraná:

Tem-se como certo, entretanto, que Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca galgou indiscutivelmente a serra do Mar e, depois, atingiu uma povoação a que se denominavam 'Campo' e que poderá ter sido a atual Campo Alegre. Tudo após dezenove dias de marcha, 'abrindo caminhos por terra despovoada, e fazendo talas e cortes'. Por onde exatamente terá passado, parece que ainda não se afirmou com absoluta segurança. Quer-nos parecer, todavia, - a deduzir-se do informe deixado -, que, Cabeza de Vaca e seu séqüito militar, se iniciaram marcha à altura da foz do Itapocu, terão inevitavelmente transitado pelo atual município catarinense de Barra Velha, em demanda da serra e conseqüentemente do planalto, qualquer que fosse a direção que daí tomassem (para a esquerda, ou para a direita) haverão igualmente palmilhado, com toda a certeza, Guaramirim, o que, aliás, facilmente se poderá concluir, se se examinar a posição do rio Itapocu e um mapa de Santa Catarina.

De Guaramirim, entretanto, se houver infletido para a direita, terá atravessado o sudoeste de Joinville, e dali atingido Campo Alegre, seguindo em rumo do Paraná, hipótese, aliás, que nos parece mais condizente. De contrário, porém, se de Guaramirim houver tomado o rumo da esquerda, não poderá ter deixado de cruzar Jaraguá do Sul e talvez que ainda Corupá, para finalmente tocar em São Bento do Sul e depois o Paraná. Permanece, aqui, a incógnita, que provavelmente nunca veremos ser decifrada.

Confirmando esta versão, em obra do próprio Cabeza de Vaca (1954:119), lê-se:

[...] A 18 días del mes de octubre del dicho año (1541) mandó embarcar a la gente que con él había de ir al descubrimiento con 10s veinte y seis caballos y yeguas que habían escapado en Ia navegación dicha: 10s cuales mandó pasar EL RIO DE ITABUCU y lo sojuzgo y tomo la posesión de el en nombre.

É sabido que Cabeza de Vaca seguiu parte do roteiro de Aeixo Garcia, o primeiro homem branco a alcançar o Império Inca. BONDE (1998:42) escreve que "a expedição de Aeixo Garcia saindo de Meiembipe dirigiu-se ao norte, chegando à altura da atual cidade catarinense de São Francisco do Sul e penetrando no Caminho de Peabiru pelo rio ITAPOCU".

Além dessas expedições, houve uma outra comandada por Diogo Sanábria, que fracassou. De acordo com o autor acima citado (1975:541-542), "a frota saiu da Espanha em

1550, sob o comando do capitão João Salazar, rumando para a América. Em viagem, as embarcações se desgarraram, vindo uma delas naufragar na costa de Santa Catarina, em Laguna. Os naufragos, em grande número, foram recebidos pelos carijós e nesta paragem ficaram por aproximadamente 3 anos". Mais tarde, em 1552, sob o comando do capitão Salazar (fundador de Assunção, capital do Paraguai) e os remanescentes da expedição Sanábria seguiram viagem para o Paraguai por terra, ou seja, pelo Caminho dos Ambrósios. Chegaram a Assunção em outubro de 1555. O gado que transportavam foram os primeiros a chegarem naquele lugar.

MOREIRA (1975:552) conta que cerca de duzentos anos depois da expedição Sanábria o Caminho dos Ambrósios foi "regulamentado", quando:

[...] antes de 1730 José Pinheiro tinha compromisso os com Ambrósios, o capitão-mor Francisco ano, em Miranda²⁷ de Tavares de abrir um caminho entre Santa Catarina e pois neste dezembro, foi feita uma escritura pela qual o vigário do Desterro, na ilha de Santa Catarina, padre doutor Manoel da Silva e Albuquerque e Antonio da Silva Cardoso, assumiram aquele compromisso.

Nesse meio tempo, em 1777, uma poderosa frota castelhana comandada por Cebalos invadiu a ilha de Santa Catarina e, segundo MOREIRA (1975:555), "a estrada de São Francisco a Ambrósios serviu para a retirada das forças portuguesas de Santa Catarina, quando a ilha foi conquistada pelos espanhóis".

Para alguns autores, como MOREIRA (1975:547), o nome "Ambrósio" veio de uma planta silvestre com folhas de aroma delicado, comum nas pradarias de Portugal. Como nos campos próximos a Serra do Mar os portugueses encontraram uma planta que confundiram com a ambrósia de sua terra natal, deram àquele lugar o nome de Campo dos Ambrósios. Essa espécie vegetal ocorre com abundância na Europa e nas Américas, tendo registro de sua presença em todo o Brasil. É conhecida pelos nomes científicos: *Ambrosia artemisifolia*, *Ambrosia polystachya* e *Ambrosia americana* e pertencem à família *Compositae*. Já pela história oral da região existiu alguém com o nome ou sobrenome Ambrósio, que batizou o local.

Os índios na região do caminho

Os índios da região foram importantes guias para os europeus, pois eles já percorriam as trilhas: do litoral, onde mariscavam; e da floresta da Serra do Mar, onde subiam para catar pinhão no planalto.

Esses índios — da tribo carijós — tinham uma característica muito hospitaleira. Isso facilitava o relacionamento com alguns grupos europeus, mas, ao mesmo tempo, tornavam-se "alvo fácil" para a escravatura, como expõe SANTOS (1973:30): "A escravidão associada às desumanas razias que os europeus faziam sobre as indefesas aldeias rapidamente aniquilou a população carijó do litoral sul".

Além dos carijós, outras tribos ocupavam o território em torno do Campo dos Ambrósios: os kaingang e os xokleng. De índole mais difícil que os carijós, se embrenhavam na região de floresta e campos da encosta, dificultando assim a penetração dos escravocratas europeus. Sobre eles SANTOS (1973:43) diz: "os xokleng e os kaingang eram seminômades: viviam dispersos em pequenos grupos, falavam uma língua diferente e não tinham maiores

tradições de trabalhos agrícolas. Os xokleng e os kaingang eram jê, os célebres tapuias, que desde logo os portugueses viram maiores dificuldades para submeter”.

Os xokleng foram os índios que mais ocuparam o território em torno do Caminho dos Ambrósios, segundo CABRAL, citado por SANTOS (1973:35): “A presença dos xokleng em torno dos campos de Curitiba e na descida da serra em direção ao mar é assinalada por Zacarias de Góes e Vasconcelos, primeiro presidente da província do Paraná: no distrito de Ambrósios, 12 léguas pouco mais pouco menos desta cidade (Curitiba), os indígenas ameaçam a segurança da gente civilizada”.

É necessário ter presente que os xokleng, embora arredios ao contato, nem sempre queriam atacar os brancos; eles também observavam o branco, sua vila e sua tralha. Enfim, como viviam e o que faziam. Mas os brancos temiam os indígenas. TEMPSKI (1986:31) fala que “em abril de 1841, a mesma Câmara de Curitiba informava terem aparecido indígenas no distrito da freguesia de São José dos Pinhais e que os moradores se achavam em perigo e se providenciou a entrada de dois caixotes com 1.500 cartuchos para obstar qualquer atentado”.

O fato é que aos poucos a região foi despovoada de indígenas. Alguns foram escravizados, outros exterminados, e o restante fugiu para as matas mais fechadas do interior.

Também houve tentativa de catequizar os indígenas dessa região. Segundo CABRAL (1970:33-34), “em 1553 o Pe. Leonardo Nunes esteve em Santa Catarina e já encontrou alguns carijós catequizados. O fato animou a instalação de uma missão na região dos patos, por parte dos jesuítas. Contratempos vários demoraram a iniciativa até 1605, quando os padres João Lobato e Jerônimo Rodrigues se localizaram em Laguna (SC)”, onde afirma que:

[...] a impressão dos dois padres com respeito aos indígenas não foi das melhores, retratando-os como indiferentes, preguiçosos, sujos, incestuosos e antropófagos. Apesar disso, ficaram os padres dois anos na sua missão de catequese cujo ponto central era Laguna, findos os quais concluíram os superiores não haver possibilidade de continuarem os missionários na região. Reuniram os sacerdotes então uns 150 indígenas, de ambos os sexos, levando-os para serem catequizados nas aldeias do Rio de Janeiro.

A saída dos padres acentuou ainda mais a agressividade dos europeus para com os silvícolas. Em 1828 iniciou-se definitivamente a conquista da área territorial que os xokleng detinham. Do Rio Grande do Sul em direção ao Uruguai, na fronteira com Santa Catarina e em torno de Curitiba nas áreas que se avizinhavam do rio Negro a colonização se firmou.

Os índios começaram a perder território, como diz SANTOS (1973:37): “Em Santa Catarina, entre o litoral e o planalto, os xokleng começam a se sentir apertados. Essa área é extremamente acidentada. Em alguns momentos, a serra desce abruptamente até junto ao mar. Em outros, recuos da montanha permitem que entre esta e o mar se estendam planícies e vales [...] A montanha e o vale cobertos de floresta subtropical era o ambiente geográfico e histórico dos xokleng”.

Esta floresta que os xokleng imaginaram como refúgio e onde eles tentavam sobreviver não impediu o “progresso da nação”, pois este processo não poderia ser prejudicado por um grupo de silvícolas e muito menos se poderia reconhecer que os índios, para sobreviver, necessitassem de terras.

Colonização da região do Caminho dos Ambrósios

Os primeiros a pisarem esta região certamente foram os índios. Depois, as expedições do século XVI mas, a colonização iniciou, realmente, nos meados do século XVII, pelos brancos que procuravam ouro no planalto.

Ermelino de Leão, citado por MOREIRA (1975:548) registra o nome de algumas dessas pessoas que ali se instalaram naquela época:

Sabe-se que em 1680, Antonio Pires de Campos, juntamente com seu sogro, Salvador Jorge Velho, esteve nos campos de Curitiba, explorando as minas de ouro existentes no distrito Pouco depois, em 1684, o capitão Antonio Bueno da Veiga, neto de Amador Bueno — o aclamado rei dos paulistas — veio para Curitiba, tendo sido o primeiro possuidor e povoador dos campos de Miringuava [...] Ao falecer deixou em herança a referida fazenda para seu primeiro filho Antonio Bueno da Silva.

Nessa época já eram moradores do Miringuaba (São José dos Pinhais) dona Isabel Antunes Fernandes, viúva de Simeão Cardoso Pazes, que havia comprado, em 1717, um sítio de Diogo Dias de Moura. MOREIRA (1975:548) conta que:

Naquela época — fins do século XVII ou início do seguinte — Manoel Pinto do Rego, casado com dona Luzia Veloso da Silva, possuía também área de criação nos Ambrósios. Era ele filho do capitão-mor governador de São Vicente. Outros nomes citados que possuíram terras na região dos Ambrósios foram: Sebastião Félix Bicudo, capitão Francisco Teixeira de Azevedo, sargento-mor Hierônimo da Veiga e Cunha, Manoel da Silva Costa, Paulo da Rocha Dantas, Antonio Gonçalves de Moraes (mais tarde comendador Roseira), Leam de Melo e Vasconcelos e Manoel Ribeiro Pinto.

Sobre outros moradores do Campo dos Ambrósios tem-se algumas referências em LALLEMANT (1980:256), relatando a expedição de Bivaque: “tivemos que voltar a fim de informar-nos com os moradores do Campo do Ambrosio, onde quer que fosse, sobre a casa do Chico de Oliveira”.

Nesse relato, o autor citado conta que, após se informarem e com alguma dificuldade chegaram à casa, mas os moradores, atemorizados pelas visitas estranhas, não abriram a porta. Diz o autor (1980:257) que, “mesmo com essas dificuldades, Wunderwald sabia abrir uma picada com muita habilidade. Lembrou-se de uma casa pouco distante da de Chico de Oliveira onde havia uma espécie de posto de guarda”.

Encontraram um abrigo, segundo LALLEMANT (1980:258): “e era pomposo nosso abrigo! Um homem rico quisera ornar o Campo do Ambrósio com uma bonita casa e, para esse fim, escolhera um lugar elevado. A bem carpintejada armação da casa estava pronta e completa a cobertura de telhas muito bonitas. As divisões interiores apenas indicadas...”. Ali fizeram fogueira, assaram carne e pernoitaram. Ao acordarem, viram gado disperso no campo e, em direções diferentes, 3 casas e, em volta de cada uma delas floresciam vigorosos pessegueiros. Diz o autor que essas pessoas eram agricultoras “a passos tranquilos e graves, vinham dois bois encangados, atrelados a um arado, que um homem guiava segundo as regras da arte; era a primeira vez em minha vida americana de muitos anos que via um arado trabalhando, embora tenha visto sinais do seu trabalho nas colônias alemãs. Um arado nos limites dos botocudos e bugres!”.

O homem do arado era Chico de Oliveira, que ofereceu sua assistência a Bivaque, mas só podia oferecer um burro de carga para a continuação de sua viagem, pois seus animais ainda estavam metidos nas matas e baixadas, e vender-lhe ração de carne seca.

Nesse relato, LALLEMANT (1980:261) cita outro morador do Campo dos Ambrósios:

Era o escrivão Francisco Alves Pereira, empregado na estrada de rodagem do Paraná para Santa Catarina. A força armada do Campo do Ambrósio está em casa do escrivão. Consta de um soldado, um jovem negro de boa índole, cujo distintivo militar consiste num boné azul orlado de vermelho. O segundo, que formava a força da fronteira, desertou há pouco tempo; aborrecia-o a solidão do lugar e a falta de qualquer ocupação.

O escrivão vendeu a Bivaque parte de seu pequeno abastecimento de feijão e farinha de milho, pois no retorno de sua gente a Joinville pela estrada Três Barras, poderiam não encontrar alimento. Ele, Bivaque, continuaria viagem, mas Wundewald retornaria. Esse engenheiro de Joinville, com sua bússola e sua faca do mato, serviu de guia para Bivaque, abrindo caminho através da selva da Serra Geral, de Santa Catarina para o Paraná, pelo Caminho dos Ambrósios.

O povoamento da região do Campo dos Ambrósios deu-se pelo fato dessa região ser ponto de ligação direta entre a Comarca de Curitiba e São Francisco do Sul, através da Estrada dos Ambrósios. Em 1854 o Barão de Antonina, interpelado pelo conselheiro Zacarias disse, segundo o boletim do INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO PARANAENSE (1974:37): “[...] por isso é de urgente necessidade inaugurar-se ali uma freguesia que, ficando na estrada e na margem desse rio, deve aumentar-se progressivamente”. Ele referia-se a um aglomerado de centenas de moradores próximos do rio da Várzea. No anexo 1 verifica-se o conteúdo do jornal “O Dezenove de Dezembro”, ano I, no. 35, página 3 (26/11/1854) e no. 42, página 2, (13/01/1855). Nestes exemplares já consta em notícia a freguesia de Ambrósios, ligada ao município de São José dos Pinhais que, segundo o DICIONÁRIO HISTÓRICO ERMELINO DE LEÃO (1927:53), “criada por lei provincial, sendo sede de um distrito policial [...] Funciona no distrito uma agência fiscal do Estado [...] A população escolar da sede era, em 1920, de 19 crianças”.

Na colonização do trecho territorial referente a essa monografia, o município de Tijucas do Sul foi o que mais teve influência do Caminho dos Ambrósios (anexo 2 — documentos comprobatórios da construção da Estrada dos Ambrósios, neste município). Os outros municípios pelos quais o caminho passa, nessa região — Campo Alegre e Garuva — receberam influência também de outros caminhos históricos.

ASCENSÃO E QUEDA DO CAMINHO: O TAPAMENTO

As mercadorias transportadas pelas estradas da Graciosa e dos Ambrósios escapavam ao controle do guarda-mor Manoel Gonçalves Guimarães, que tinha um contrato para transportar as mercadorias do comércio e as cargas dos particulares que desciam do planalto ou subiam de Paranaguá, com canoas entre os portos do rio Cubatão e a vila de Paranaguá. Mas, as mercadorias que transitavam pelos referidos caminhos não passavam pelo rio Cubatão; logo, deixavam de pagar o tributo do transporte nas canoas no referido rio. Em

consequência disso, Gonçalves Guimarães, em 10 de dezembro de 1782, conseguiu uma ordem da Real Junta para o fechamento de ambas as estradas.

De acordo com MOREIRA (1975:290), "um detalhe, no entanto, ficou inexplicado. O fechamento da estrada dos Ambrósios nada tinha a ver com 'os mais pertencentes à vila de Paranaguá', uma vez que ela se dirigia à vila do Rio São Francisco e demais localidades da costa catarinense". Ermelino de Leão assim se refere ao fato:

Esta absurda medida de trancar estradas e impedir passagens de tropas e cargas por elas foi motivada por uma reclamação do contratador dos impostos de pedágio, guarda-mor Manoel Gonçalves Guimarães, que alegou os prejuízos que vinha sofrendo com o desvio das rendas. Em vez de ter estabelecido postos fiscais de arrecadação, conseguiu do governo de São Paulo o trancamento das estradas. Por isso que ele era um dos maiores potentados da comarca (MOREIRA, 1975:290).

O comércio pelo Caminho dos Ambrósios era grande. Diz MOREIRA (1975:291) que:

Em 25 de janeiro de 1783 pode a câmara reunir-se quando os oficiais deliberaram informar à Junta Real sobre o grande comércio que os moradores da freguesia de São José faziam pela estrada do rio São Francisco. Afirmavam 'que a citada estrada era tão antiga que por ela haviam transitado os primeiros animais que vieram do sul para os campos de Curitiba e que, continuamente, os moradores da dita freguesia desciam com suas carregações de farinha de trigo, erva-mate, carnes e outros viveres e que era tão versada que, no tempo da guerra com os castelhanos, por ela subiram para Curitiba algumas partidas de soldados que, debandados, se retiraram da praça da ilha de Santa Catarina [...]'.

No entanto, Curitiba não concordava com a arbitrária ordem vinda de São Paulo por solicitação do guarda-mor Gonçalves Guimarães; porém, cumpria o que lhe fora determinado, enquanto recorria à instância superior. E o guarda-mor insistia na continuidade do cumprimento das ordens dadas aos oficiais da Câmara de Curitiba.

As relações entre os oficiais da Câmara e Gonçalves Guimarães tornaram-se hostis. Ficou resolvido que o fechamento fosse feito no início da serra, de sorte que os moradores de Campos dos Ambrósios pudessem se comunicar com a povoação de São José e com a Vila de Curitiba. Desta maneira, foi feito o tapamento, ficando livre o caminho para aqueles moradores. No entanto, ficaram proibidos de transportar mercadorias e cargas para o litoral, em São Francisco. Essa permissão de tráfego dos moradores de Campos dos Ambrósios com São José facilitava a transgressão das ordens de tapamento da estrada. Esses transgressores eram ameaçados com cobranças de multas.

Para alguns viajantes ou estudiosos que passaram pela região, essa ligação de Curitiba com São Francisco era muito importante, mas também muito difícil. As observações de John Mawe, um estudioso inglês, são citadas por MOREIRA (1975:558):

O terreno aqui é bastante plano e os rios são navegáveis por pequenos barcos até a base da serra, onde um caminho público começou às custas de incrível trabalho e despesas sobre a quase intransponível barreira. Esta estrada será brevemente uma obra de importância nacional para o Brasil — o rico Planalto de Curitiba será ligado ao oceano.

Pelas informações deixadas por este viajante, parece que o tapamento do caminho resultou do desaparecimento desta via. Somente depois de Manoel Gonçalves Guimarães ter deixado o contrato das canoas foi possível sua reconstrução.

Durante a estada do francês Saint'Hilaire em Curitiba, diz MOREIRA (1975:559) que ele registrou uma nota:

Em 1820 havia um caminho que começando em São José dos Pinhais ia ao litoral, a um ponto correspondente à ilha de São Francisco, dependente de Santa Catarina, mas, segundo me disseram, esse caminho é pouco frequentado e mais difícil e perigoso que o de Paranaguá. As cargas aí deviam ser transportadas a ombro, num espaço de três léguas, e os selvagens inimigos do branco aí apareciam às vezes.

Esse viajante também comentou que se esta estrada tivesse sido concluída, São Francisco teria participado dos benefícios decorrentes do comércio com Campos Gerais.

Alguns trechos dessa estrada foram calçados, no período da administração de João José Coutinho, em 1852. Apesar dos esforços de Leone Aubé — juiz representante do príncipe de Joinville, esse caminho não era de fácil comunicação com o planalto, pois as cargas, nos trechos de serra, eram conduzidas às costas pelos tropeiros. Então, mesmo depois do calçamento, durante pouco tempo foi utilizada, como FICKER (1965:143) relata:

Resolveu o governo imperial, em 1854, o financiamento de uma nova estrada, subvencionando a construção com 2 contos de réis, com supervisão de um engenheiro brasileiro [...]. Começaram, assim, as primeiras penetrações em direção nordeste, subindo o vale do rio Cubatão, aproveitando o primeiro trecho da então já terminada picada de Aubé. Finalmente, em fins de 1854, August Wunderwalo encontrou a subida definitiva no vale do rio Sêco, pequeno afluente do rio Cubatão. A construção da estrada Dona Francisca em direção ao rio Negro, com a extensão de 156 quilômetros, vencendo os obstáculos da escalada da Serra Geral, levou quase 30 anos, custou aos cofres do governo imperial mais de 600 contos de réis e foi motivo de agitados acontecimentos e divergências entre a colônia e o governo, por motivos financeiros, políticos e técnicos durante quase meio século. A célebre 'questão de limites' entre as províncias e depois estados de Santa Catarina e Paraná foi consequência direta da construção dessa estrada.

Com a construção da estrada Dona Francisca tornando-se carroçável, o Caminho dos Ambrósios foi abandonado, servindo apenas para os moradores do alto da serra descerem para o litoral.

DIREÇÃO E TRAÇADO DO CAMINHO DOS AMBRÓSIOS

De acordo com as pesquisas bibliográficas levantadas para este trabalho, existiram 4 roteiros do Caminho dos Ambrósios e que, tirando as diferenças de redação, pode-se dizer que falam sobre o mesmo traçado. Segundo MOREIRA (1975:575) são eles:

1. Roteiro descrito em 1780 pouco mais ou menos:

Entre São José dos Pinhais e a serra, o caminho atravessava os riachos e ribeirões seguintes:

*Arujá
Miringuava
Miringuava-mirim
Una
Cavalo Morto
Taboado
Pirai
Cachoeira
Rodeio*

No litoral catarinense, da serra em diante, passava pelos lugares seguintes: Sesmaria do Iquiririm, Palmital, Embarcadouro do Palmital, nas Três Barras e, daí em diante, pela margem esquerda da baía de Babitonga, até alcançar o pequeno porto do Saí, no lado oposto da vila de São Francisco.

2. Roteiro descrito por João da Silva Machado, em 1829

*De Curitiba, até o rio da Vargem, denominado Taboão 8 léguas
Do Taboão até a Fazenda dos Ambrósios 4 léguas
Daí ao cume da serra (Lapinha) 6 léguas
Da Lapinha ao portinho das Três Barras 2 léguas*

Das Três Barras à Colônia Dona Francisca. Este trecho é muito alagadiço e tem muitos ribeirões a passar.

3. Roteiro descrito por Beaurepaire Rohan, em 1854

Referindo-se ao caminho dos Ambrósios o engenheiro Beaurepaire Rohan, então em serviço na Província, registrou o nome dos rios e córregos por onde aquele caminho passava:

*Ponte no rio Cutia, entre São José e Campo Largo da Roseira.
Ponte no rio Despique, na estrada de São José a Campo Largo da Roseira.
Ponte no rio Maurício, na estrada de São José a Campo Largo da Roseira.*

Pontes por fazer.

Junto à casa do falecido Bernardo da Cruz, nos rios Mandassaia, Mergulhão, Capão Grande, junto à casa de Antonio Pereira, Moinho e Curralinho.

4. Roteiro descrito pelo Comendador Manoel Gonçalves de Moraes Roseira

Consta do relatório do Conselheiro Zacarias, apresentado à Assembléia Provincial, o seguinte:

Esta estrada comum a esta Província e a de Santa Catarina, comunica a Vila de São José dos Pinhais com o lugar das Três Barras, no município da cidade de São Francisco. Tem de extensão 18 léguas das quais pertencem à nossa Província 12, até o passo da Cachoeira. Devo ao Comendador Manoel Gonçalves de Moraes Roseira os esclarecimentos que possuo a respeito desta via de comunicação

1.a secção — De São José ao Campo Largo (Roseira) 4 léguas. O caminho é menos mau, por atravessar geralmente campos; mas os passos dos rios Miringuava-mirim e Miringuavassu, que se acham no pior estado possível, são um verdadeiro estorvo ao trânsito. Foi pelo seu antecessor encarregado de proceder às obras necessárias nesses passos, o inspetor da estrada Francisco Ferreira Rocha.

2.a secção — Do Campo Largo aos campos dos Ambrósios, 5 léguas. Esta secção tem sido roçada e feitas as derrubadas pelos moradores daquelas paragens; mas hoje tem crescido a capoeira de modo a estreitar muito o trilho, impedindo a ação do sol, donde resulta conservar-se sempre úmida. As obras necessárias para melhorar esta via de comunicação são fáceis e consistem apenas em roçados e reparações de pequenos passos.

3.a secção — Da entrada do mato dos Ambrósios ao rio da Cachoeira, cabeceira do rio Negro, 3 léguas. Esta secção reduz-se a trilhos, que praticam os viandantes, para evitar os atoleiros, que se formam nesse caminho estreito e úmido. É de urgente necessidade roçar, derrubar e limpar o mato, desviar a estrada de alguns morros íngremes e, sobretudo, de um pequeno serro à margem do Cachoeira, que tem saltos de pedra formados pelas enxurradas; finalmente, reparar alguns passos, especialmente os de Pirai-Guassu e Solaes.

4.a secção — Do rio da Cachoeira ao cume da serra do Mar. Esta secção percorre terrenos montanhosos, que fazem parte da serra.

5.a. secção — Do cume da serra às Três Barras, 4 léguas. Percorre terrenos montanhosos e úmidos, e foi mal dirigida a magistral da estrada, havendo declives tão fortes que impossibilitam quase o trânsito.

Cumpre advertir que a Província de Santa Catarina tem como seus todos os terrenos compreendidos na 4a e 5a secções. Que a 5a secção lhe pertence, creio que não haverá dúvida; quanto a 4a é questão duvidosa, cuja decisão está afeta ao Governo Imperial.

O mapa apresentado no subitem 4.1 (figura 5) mostra detalhadamente o Caminho dos Ambrósios, destacando o trecho delimitado para esta monografia. Pelo que se entende, este é o único mapa existente sobre o Caminho dos Ambrósios e MOREIRA (1975:560a) não cita a fonte.

No capítulo referente ao projeto de revitalização apresentar-se-á o mesmo mapa, mas com o trecho em destaque atualizado pelo processo GPS, pelos autores desta monografia.

PROPOSTA PARA REVITALIZAÇÃO DE PARTE DO CAMINHO DOS AMBRÓSIOS

Para melhor situar a proposta para revitalização do trecho do Caminho dos Ambrósios situado em Tijucas do Sul, PR, primeiro foi verificada a atual situação do caminho, descrita a seguir.

SITUAÇÃO ATUAL DO CAMINHO DOS AMBRÓSIOS

Considera-se como objeto dessa pesquisa o trecho do Rio da Una, divisa dos municípios de Tijucas do Sul-PR e São José dos Pinhais-PR até o Rio Três Barras no município de Garuva-SC.

Conversou-se com vários moradores antigos ou filhos dos mesmos. Entrevistando o Sr. Joaquim Borges da Cruz, de 92 anos de idade, da localidade de Rodeio, em Tijucas do Sul, relatou que relembrando sua infância pouco ouviu falar do Caminho dos Ambrósios. Seus pais falavam de um caminho antigo. Comentou alguns pontos que se constatou não ser o leito atual da Estrada dos Ambrósios e como realmente a estrada não foi feita exatamente sobre o caminho, é provável que falavam sobre o Caminho dos Ambrósios. Do Rio do Uma até a localidade de Tabatinga não se encontraram vestígios do caminho. O sr. Moacir Farias relatou que, nos fundos da propriedade de seu pai, em Tabatinga, existiam valas de um caminho antigo.

Um dos pontos do caminho existente na localidade de Rodeio é um olho d'água onde um monge descansou e saciou a sede. Foi construída a "Capelinha do Monge" no local (figura 6).

FIGURA 6 CAPELINHA DO MONGE



Foto de José H. Claudino

O Sr. Valiano Biscaia indicou alguns pontos da passagem do Caminho dos Ambrósios, um deles na localidade de Ambrósios (que recebeu esse nome devido ao caminho), numa área da família Oliveira, onde existiam muitas telhas de barro. O sr. João Claudino Machado, prefeito de Tijuças do Sul, falava que ali existia uma casa de fiscalização (cobrança de impostos e pedágio). Foi conferido o local e encontraram-se muitos fragmentos de telhas antigas (figura 7).

FIGURA 7 - CACOS DE TELHAS ANTIGAS



Foto de Jane B. D. Fagundes

O Sr. José Hamilton Claudino, lembrando sua infância na localidade de Ambrósios, disse que próximo aos fragmentos de telhas existia uma vala no campo nativo que durante as chuvas de verão enchia de água, e ele e seu irmão Antônio Cubas Claudino tomavam banho. Imaginavam que a vala era de divisa de terras, muito comum na época, também

utilizada para cercar animais. Esse local é muito importante como prova da passagem do caminho. O professor de história Lizandro acompanhou a visita a esse local e coletou material a fim de iniciar uma pesquisa arqueológica para comprovar sua origem e data dos fragmentos de telhas. Esse local que era campo foi reflorestado com pinus (por volta de 1970) e agora nesta área são cultivados batatas e milho. No processo de destoca e de lavração as valas foram entupidas e os fragmentos de telhas espalhados. Hoje, essa área pertence ao sr. Tadeu Pianoski. Próximo a esse local, ainda na localidade de Ambrósios, encontraram-se, na antiga fazenda do Sr. Nhonhô Camargo, vestígios importantes do caminho que passava atrás da casa, por dentro de suas mangueiras (figura 8).

FIGURA 8 - MANGUEIRA POR ONDE O CAMINHO PASSAVA



Foto de Lisandro Grzegorzcyk

No trecho adiante dos Ambrósios até o Rio Três Barras, teve-se a colaboração do Sr. João Maria Pereira, morador da região, com conhecimento detalhado de vários pontos da passagem do caminho. Foram feitas com ele várias expedições nas regiões da Serra do Mar e na antiga localidade de São João do Pirai.

Da comunidade dos Ambrósios o caminho segue em direção à Serra do Quiriri, por dentro da mata, à margem esquerda da estrada rural que liga a sede do município de Tijucas do Sul com a localidade do Postinho, até a altura da Serrinha. Nesse ponto novamente o Sr. Biscaia ajudou, contando que, na localidade de Ingá, onde a família Claudino tinha terrenos, havia vestígios do caminho. Da Serrinha até o rio Ingá segue pela estrada atual. Do rio Ingá passa para o lado direito da estrada, cortando por dentro da mata e retornando ao leito da estrada atual 1 km à frente. Segue pela estrada até a antiga comunidade de São João do

Piraí, da qual somente 39 resta o Cruzeiro da Igreja (figura 9), continua por dentro da mata, à margem direita da estrada.

FIGURA 9 - CRUZEIRO DA ANTIGA IGREJA SÃO JOÃO DO PIRAI

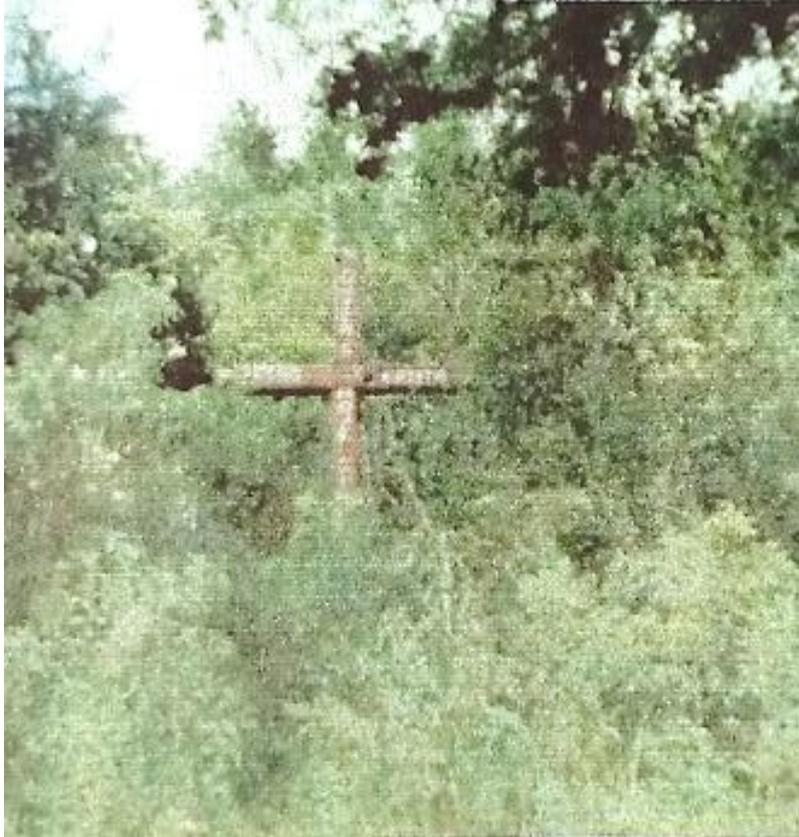


Foto de Lisandro Grzegorzcyk

Atravessa para a margem esquerda passando por trás da casa do Sr. Valdico Meira, até a estrada do Abarracamento na altura da antiga residência da família Militão. A partir daí sofre uma deflexão para o sul, por meio de uma mata secundária pela antiga estrada do Cambajuva (figura 10), passa por uma jazida de saibro em área do Sr. João Mila, empresário de Curitiba, continua por mata secundária fechada, até encontrar uma estrada antiga de agricultores onde, passando por um grande xaxim, muda de direção (figura 11).

FIGURA 10 - ESTRADA DO CAMBAJUVA



Foto de Jane B. D. Fagundes

FIGURA 11 - MUDANÇA DE DIREÇÃO A PARTIR DO XAXIM

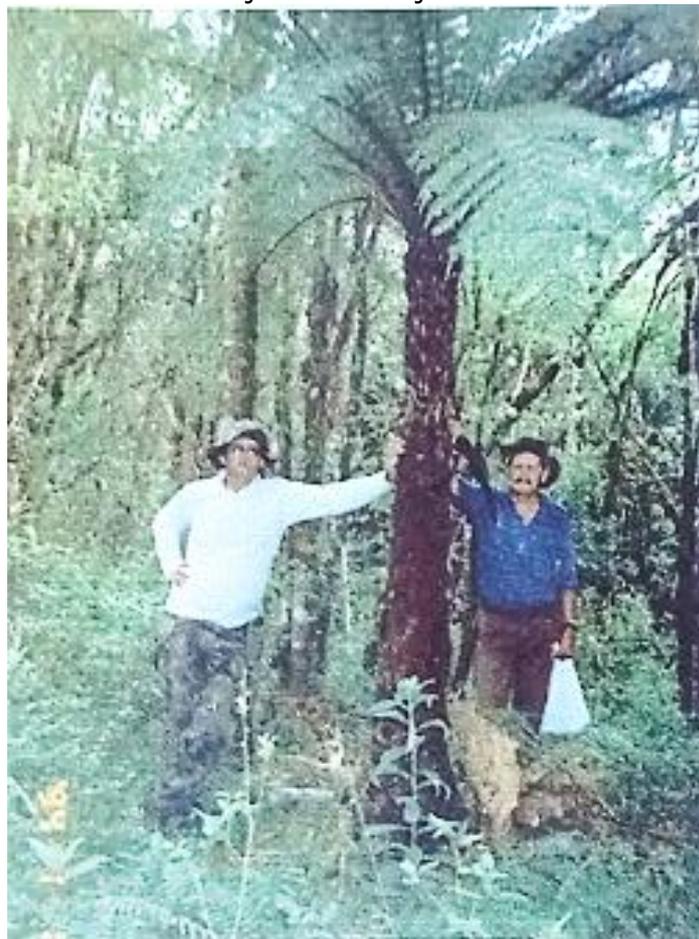


Foto de Jane B. D. Fagundes

Aí foi encontrada, à margem direita, uma vala funda do caminho que vai a um antigo cemitério (da família Martins), cujas sepulturas já se deterioraram (figura 12).e sobre elas as plantas cresceram.

FIGURA 12 - LOCAL ONDE SE SITUAVA UM CEMITÉRIO



Foto de José H. Claudino

Aproximadamente a 500 m adiante se chega ao rio Piraí Mirim (Piraizinho) onde é notório o vão de passagem no caminho (figura 13).

FIGURA 13 -VÃO DE PASSAGEM NO RIO PIRAI-MIRIM



Foto de José H. Claudino

Atravessa o rio e, a 300 m além, intercepta uma estrada da Confioresta (Companhia de Reflorestamento), segue uns 200 m por esta estrada e sai desta por um pequeno trecho à margem direita, por dentro de uma mata reflorestada de pinus (figura 14), retorna à mesma estrada da Confioresta (figura 15) até um local onde foi uma serraria.

FIGURA 14 - REFLORESTAMENTO DE PINUS



Foto de José H. Claudino

FIGURA 15 - SAÍDA DO REFLORESTAMENTO



Foto de Adilson Souza

A partir daí segue paralelamente à estrada da Confloresta até o vão de passagem dos tropeiros no rio Pirai-Guaçu (figura 16).

FIGURA 16 - PASSAGEM DOS TROPEIROS NO RIO PIRAI-GUAÇU



Foto de Adilson Souza

Ao atravessar o rio o caminho entra por uma mata de várzea em área pertencente à família Oliveira, atravessa uma pequena estrada que dá acesso a um vilarejo e segue por uma colina interceptando o reflorestamento de pinus em alguns Pontos. Vai de uma área desmatada coberta por capoeira até uma passagem rochosa no rio Solais (figura 17), próximo a uma bela cachoeira do mesmo rio (figura 18).

FIGURA 17 - PASSAGEM ROCHOSA NO RIO SOLAIS



Foto de José H. Claudino

FIGURA 18 - CACHOEIRA NO RIO SOLAIS



Foto de Lisandro Grzegorzcyk

Do rio Solais segue pelo reflorestamento da Confloresta, passando pelo riacho Pendurados do Solais (figura 19).

FIGURA 19 - PASSAGEM PELO RIO PENDURADOS DO SOLAIS



Foto de Jane B. D. Fagundes

Ainda no reflorestamento, por uns 2 km (figura 20), o caminho fica sob as sombras dos pinus até o pico da serra Pendurados do Solais.

FIGURA 20 - PARTE DO CAMINHO SOB FOLHAS DE PINUS



Foto de Lisandro Grzegorzcyk

A partir daí sai do reflorestamento de pinus e segue por mata secundária (figura 21) onde o caminho possui grandes valas sinuosas, formadas pela passagem constante de pessoas, durante muito tempo (figura 22), até o Rio Negro (divisa dos estados do Paraná e Santa Catarina) (figura 23).

FIGURA 21 — FIM DO REFLORESTAMENTO E INICIO DA MATA SECUNDÁRIA



Foto de José H. Claudino

FIGURA 22 - VALA FORMADA PELA PASSAGEM CONSTANTE DE PESSOAS

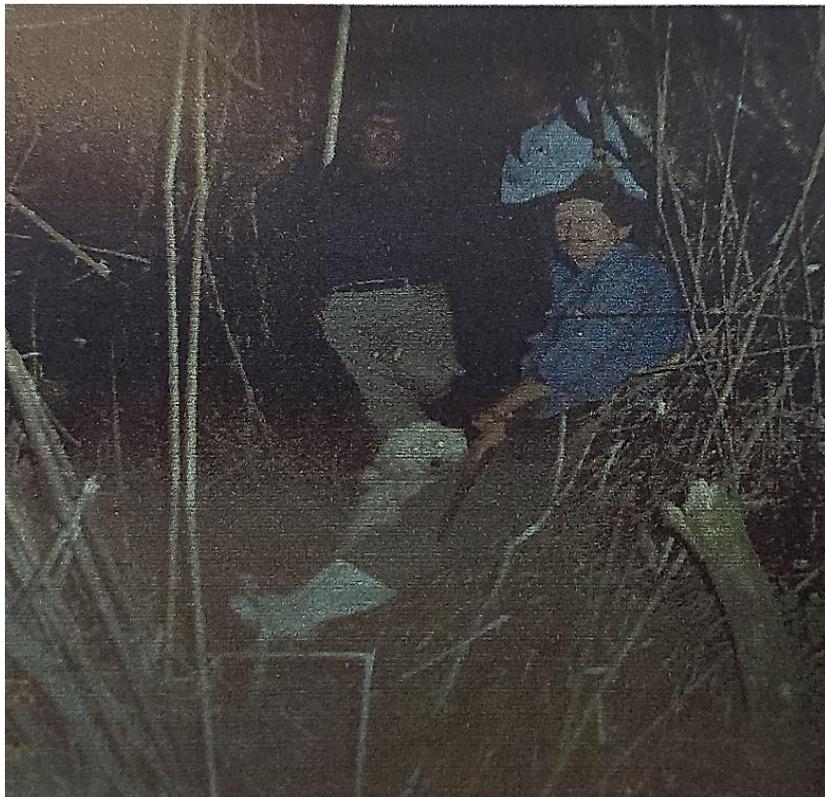


Foto de Lisandro Grzegorzcyk

FIGURA 23 - RIO NEGRO



Foto de José H. Claudino

Nesse ponto também é notório o local por onde os tropeiros passavam (sobre laje rochosa do rio Negro - figura 24).

FIGURA 24 - LOCAL DE PASSAGEM DOS TROPEIROS NO RIO NEGRO

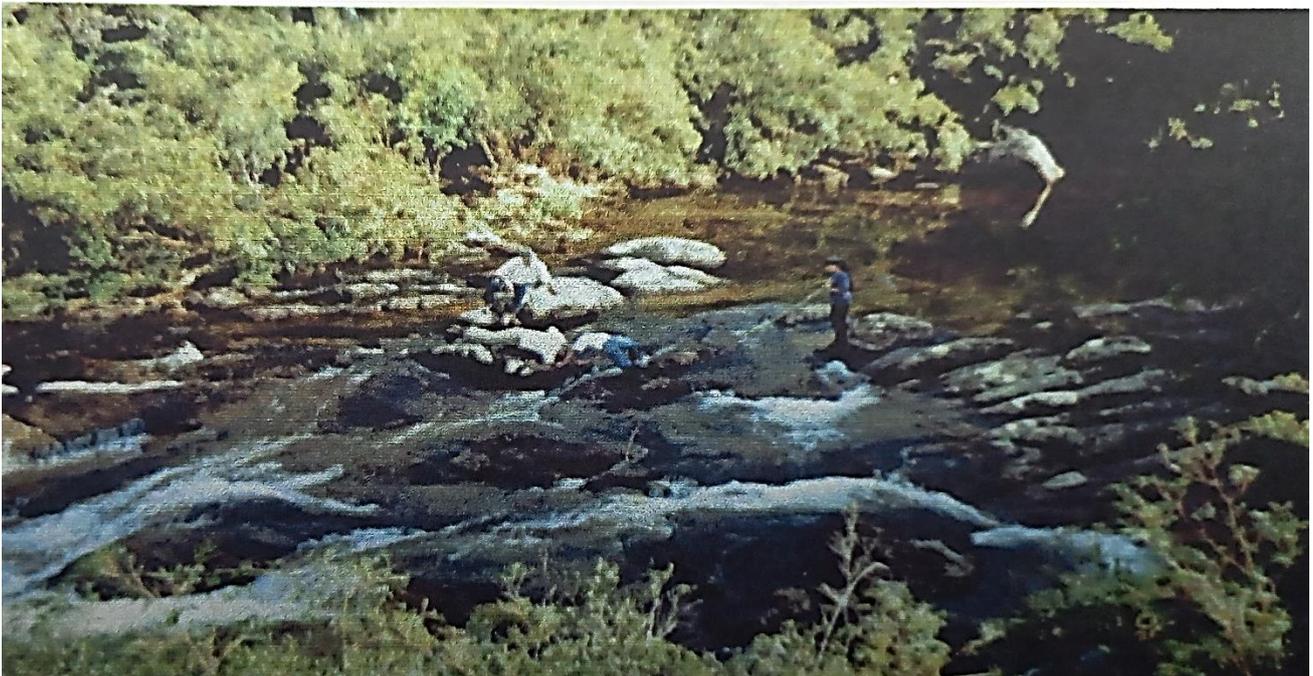


Foto de Jane B. D. Fagundes

O caminho segue por vegetação de campos à margem direita à montante do Cachoeira Velha (figura 25) até encontrar o primeiro trecho de calçamento no do Paraná-Santa Catarina (figura 26), próximo a um pequeno riacho.

FIGURA 25 - RIO CACHOEIRA VELHA



Foto de Jane B. D. Fagundes

FIGURA 26 - CALÇAMENTO DE PEDRAS

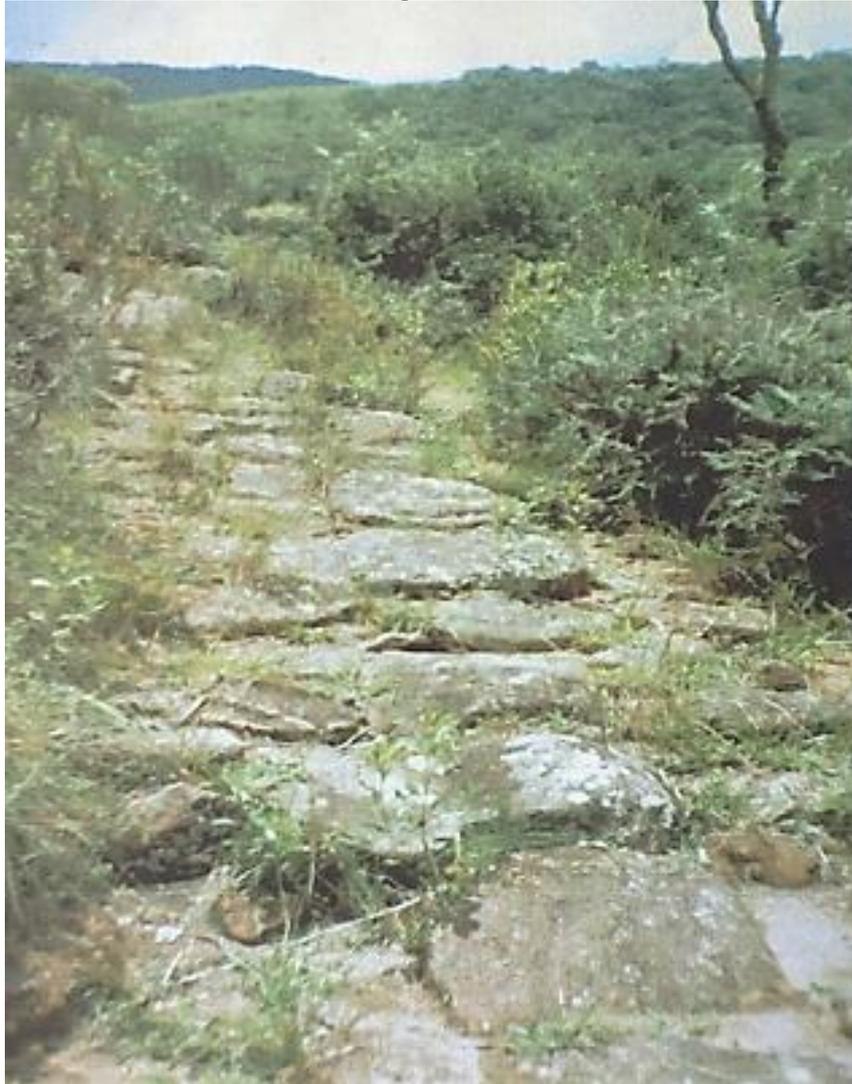


Foto de Jane B. D. Fagundes

O calçamento possui uns 20 m de extensão por 1,5 m de largura. Passando o calçamento o caminho entra num capão de mato, até encontrar o rio do Fradinho (figura 27), onde se encontra uma vala em forma de "v" (figura 28), característica do Caminho nas escarpas da serra em função do alto tráfego.

FIGURA 27 - TRECHO DO RIO DO FRADINHO



Foto de Lisandro Grzegorzcyk

FIGURA 28 - VALA DE PASSAGEM PRÓXIMA AO RIO FRADINHO



Foto de Lisandro Grzegorzcyk

Após o rio do Fradinho segue por um longo trecho em aclive acentuado com muitas marcas, onde a erosão não permite crescimento de vegetação (figura 29), até atingir o cume do Morro do Fradinho, onde os vestígios do caminho são bem evidentes, tendo em vista existir só um ponto de passagem no cume (figura 30), com escarpas íngremes nos dois lados (figura 31).

FIGURA 29 - TRECHO COM MUITAS MARCAS DE PASSAGEM DE TROPEIROS



Foto de Jane B. D. Fagundes

FIGURA 30 - ÚNICO PONTO DE PASSAGEM NO MORRO DO FRADINHO



Foto de Jane B. D. Fagundes

FIGURA 31 - ESCARPAS DO MORRO DO FRADINHO



Foto de Jane B. D. Fagundes

Esse trecho é conhecido como "subida do Fradinho". Pesquisou-se entre os antigos moradores da região e nos livros que se referem ao caminho, mas não se encontrou nada que indicasse a origem do nome.

Do cume do Fradinho (figura 32) o caminho segue por uma colina na Serra do Quiriri até uma mangueira da fazenda do Sr. Silvio Salva, conhecido como Lageano. A mangueira está sobre o caminho, daí segue por uma estrada (figura 33), que foi construída por uma mineradora, que retirava um barro branco, chamado caulim, utilizado na confecção de louças e azulejos. Essa mineração está desativada (figura 34).

FIGURA 32 - CUME DO MORRO DO FRADINHO



Foto de Lisandro Grzegorzcyk

FIGURA 33- ESTRADA DA MINERADORA



Foto de Jane B D Fagundes

FIGURA 34 - MINERADORA DESATIVADA



Foto de Jane B. D. Fagundes

Desse ponto em diante o caminho passa por dentro da Fazenda Ato Quiriri, propriedade da família Schneider, de Joinville (figura 35), que se preocupa com a preservação da região.

FIGURA 35 - FAZENDA ALTO QUIRIRI



Foto de José H. Claudino

Após a casa da fazenda o caminho segue até um morro. Depois, existe uma cerca com uma porteira, onde se observaram vestígios evidentes do caminho até a entrada da mata. Nela encontraram-se valas e um longo trecho de calçamento (figura 36), por onde se acredita que por mais de 150 anos ninguém passou.

FIGURA 36 - TRECHO DE CALÇAMENTO



Foto de Jane B. D. Fagundes

Foi necessário abrir uma picada e foram encontradas as pedras do calçamento enterradas sob folhas, argila e areia. Saindo do mato o caminho segue margeando o mesmo até outro trecho de calçamento exposto no campo com mais de 50 m de extensão por 2 m de largura (figura 37).

FIGURA 37 - OUTRA PARTE DO CALÇAMENTO



Jane B. D. Fagundes

Nesse ponto observou-se que parte do calçamento foi danificada, dizem que foi por trator na construção de uma estrada na década de 80.

O caminho segue até o rio dos Alemães (figura 38), onde dizem que morreram, numa nevasca, dois alemães.

FIGURA 38 - RIO DOS ALEMÃES



Foto de Lisandro Grzegorzcyk

Após esse rio o caminho segue até as proximidades da fazenda da família Sales, já no município de Garuva. No lugar chamado Campo Alegre o caminho entra num mato onde possui valas e alguns trechos com calçamento (figura 39).

FIGURA 39 - TRECHO EM CAMPO ALEGRE COM VALAS E CALÇAMENTO



Foto de Lisandro Grzegorzcyk

Após o mato, sai no campo da fazenda da mesma família (figura 40), sobe uma colina e por esta segue com muita evidência do caminho.

FIGURA 40 - CAMPO DOS SALES



Foto de Jane B. D. Fagundes

Desta colina é possível avistar a cidade de Joinville (figura 41), a Babitonga (figura 42) e a ilha de São Francisco. Daí segue pelo campo até uma região de vassoural (figura 43) até o rio Três Barras (figura 44).

FIGURA 41- VISTA DA CIDADE DE JOINVILE

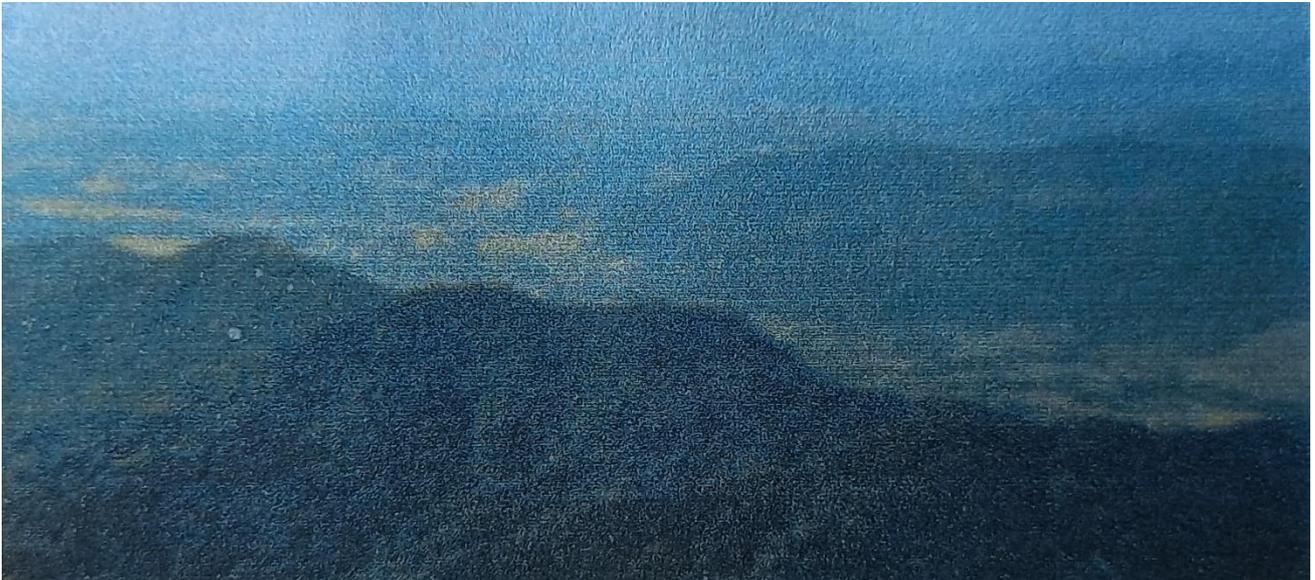


Foto de José H. Claudino

FIGURA 42 - VISTA DA BAIJA DE BABITONGA



Foto de Deise S. C. de Oliveira

FIGURA 43 - REGIÃO DE VASSOURAL



Foto de Adilson Souza

FIGURA 44 —TRECHO DO RIO TRÊS BARRAS



Foto de Adilson Souza

Próximo à jusante, um grande lago natural com uma cachoeira de grande extensão (figura 45).

FIGURA 45 - CACHOEIRA NO RIO TRÊS BARRAS

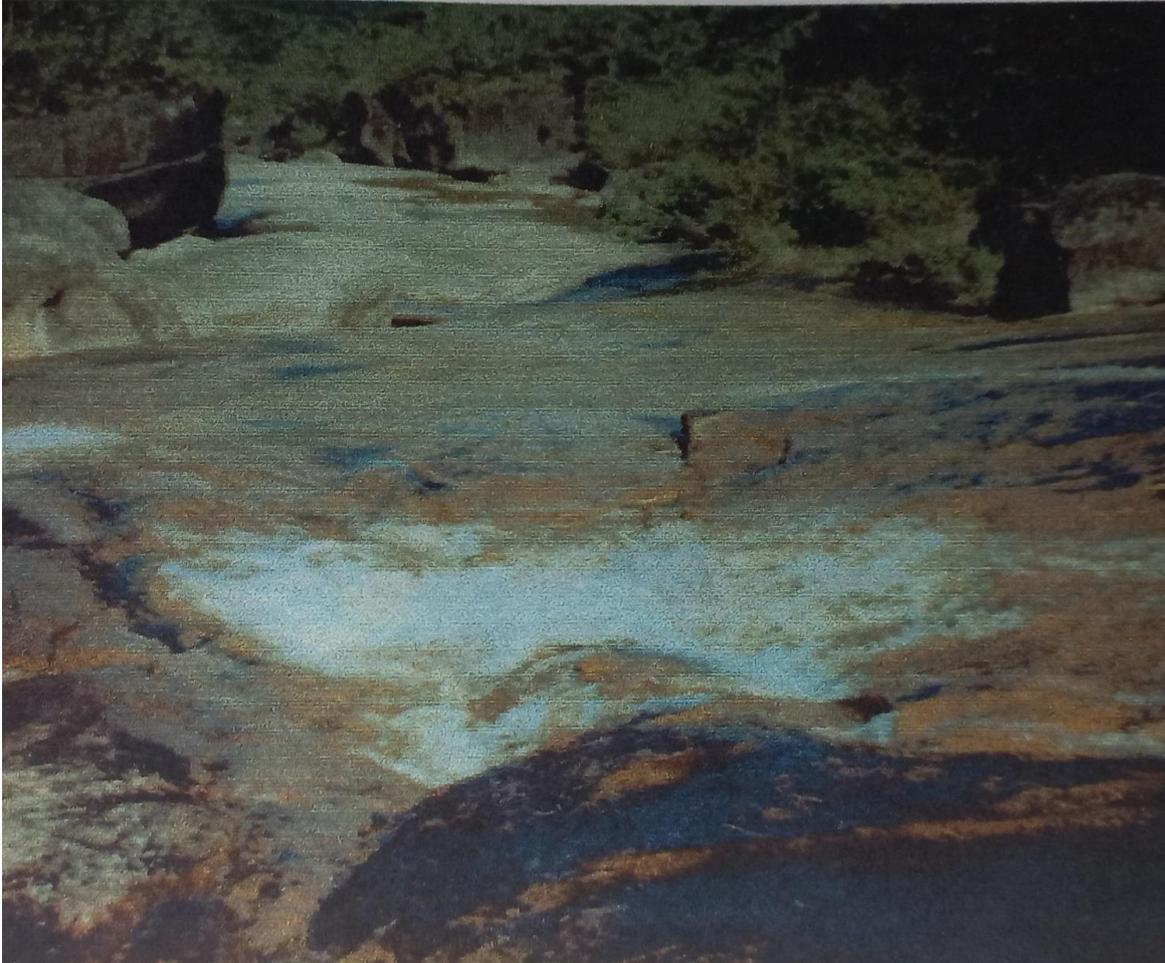


Foto de Lisandro Grzegorzcyk

Durante a investigação in loco foram encontradas flores amarelas que, segundo moradores da região, deu origem aos nomes Campo dos Ambrósios (localidade) e Caminho dos Ambrósios (figuras 46 e 47).

FIGURA 46 - CAMPO DE FLORES



Deise S. C. de Oliveira

FIGURA 47- SUPOSTO ESPÉCIME DE AMBRÓSIA

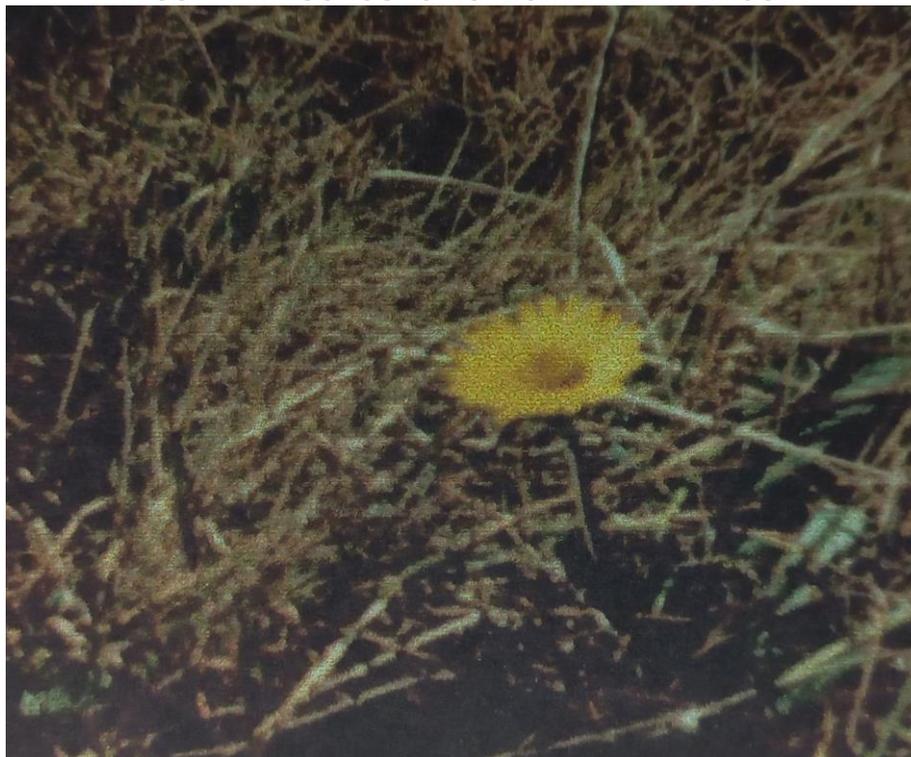


Foto de Deise S. C. de Oliveira

Dizem que essas flores são muito parecidas com outras encontradas em Portugal; por isso, chamaram a atenção dos primeiros portugueses que por ali passaram e diziam que era a mesma flor: ambrósia. Mas não há embasamento científico de que seja esse o motivo do nome do Caminho dos Ambrósios ou que essas flores sejam da mesma espécie que as encontradas em Portugal.

Até aqui corresponde ao trecho referente à pesquisa monográfica. O mais importante desta pesquisa de campo foi a utilização do sistema GPS para demarcar todos os pontos do Caminho dos Ambrósios, desde o rio da Una até o rio das Três Barras, gerando o mapa apresentado no anexo 3.

Mas, o caminho continua após o rio Três Barras, onde possui muitos trechos de calçamento até o Monte Crista (figura 48) de onde desce por escadaria de pedra irregular dentro da Mata Ombrófila Densa (Mata Atlântica), margeando o rio Três Barras (figura 49), até interceptá-lo novamente, onde existe uma ponte suspensa (figura 50).

FIGURA 48 - VISTA DO MONTE CRISTA



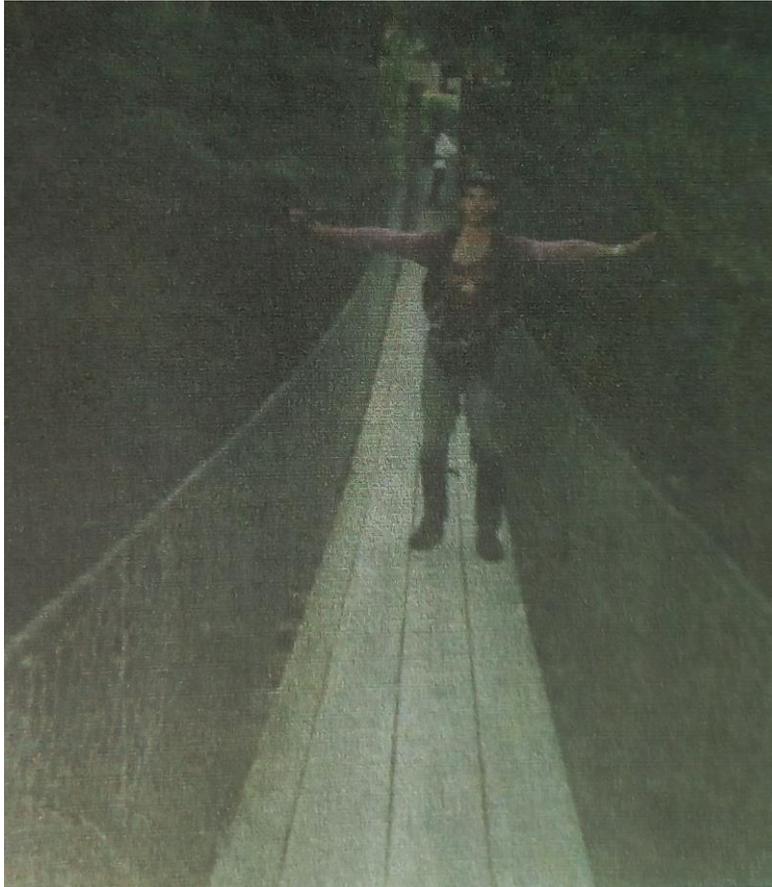
Foto de Deise S. C. de Oliveira

FIGURA 49 - CALÇAMENTO DE PEDRAS PRÓXIMO AO RIO TRÊS BARRAS



Foto de Jane B. D. Fagundes

FIGURA 50 - PONTE SOBRE O RIO TRÊS BARRAS



José H. Claudino

Esse Ponto é onde se inicia o chamado Caminho dos Jesuítas, que é o mesmo caminho dos Ambrósios (figura 51).

FIGURA 51- PONTO ONDE SE INICIA O CAMINHO DOS JESUÍTAS



Foto de Lisandro Grzegorzcyk

Esse trecho que leva ao pico do monte Crista já recebe turistas. Estes iniciam a caminhada no município de Garuva, no rio Três Barras, subindo pela escadaria de pedra. O Monte Crista faz parte da cadeia de montanhas que formam a Serra do Mar.

Este monte é muito procurado por suas belezas naturais e muitas lendas envolvem a montanha de 1400 m de altitude. Segundo relatos transmitidos pela história oral, na antiga picada do caminho teria havido um confronto entre índios ferozes e um grupo de jesuítas carregados com grande quantidade de ouro. No confronto todos os religiosos teriam sido mortos, mas não antes de esconderem o tesouro numa caverna do Monte Crista.

Tais relatos atraíram caçadores de tesouros que, lamentavelmente, depredaram pontos turísticos. O caso mais grave é o de uma caverna cuja entrada era protegida por uma porta de ferro, trancada por dentro. Para derrubá-la, uma expedição dinamitou o local. Toda a entrada da caverna desmoronou e não existe mais a possibilidade de acesso.

Outra lenda que ocorre no local é que as formações rochosas que parecem pátios de paralelepípedos gigantes foram deixadas por seres extraterrestres ou por antigas civilizações que teriam passado pela área, seguindo uma rota que faria ligação entre o Peru e o Oceano Atlântico. As plataformas rochosas ou seriam campos de pouso de discos voadores ou mensagens das antigas civilizações a serem decifradas. O "guardião" ou "sentinela" (figura 52) causa uma das mais controversas discussões.

FIGURA 52 - GUARDIÃO OU SENTINELA

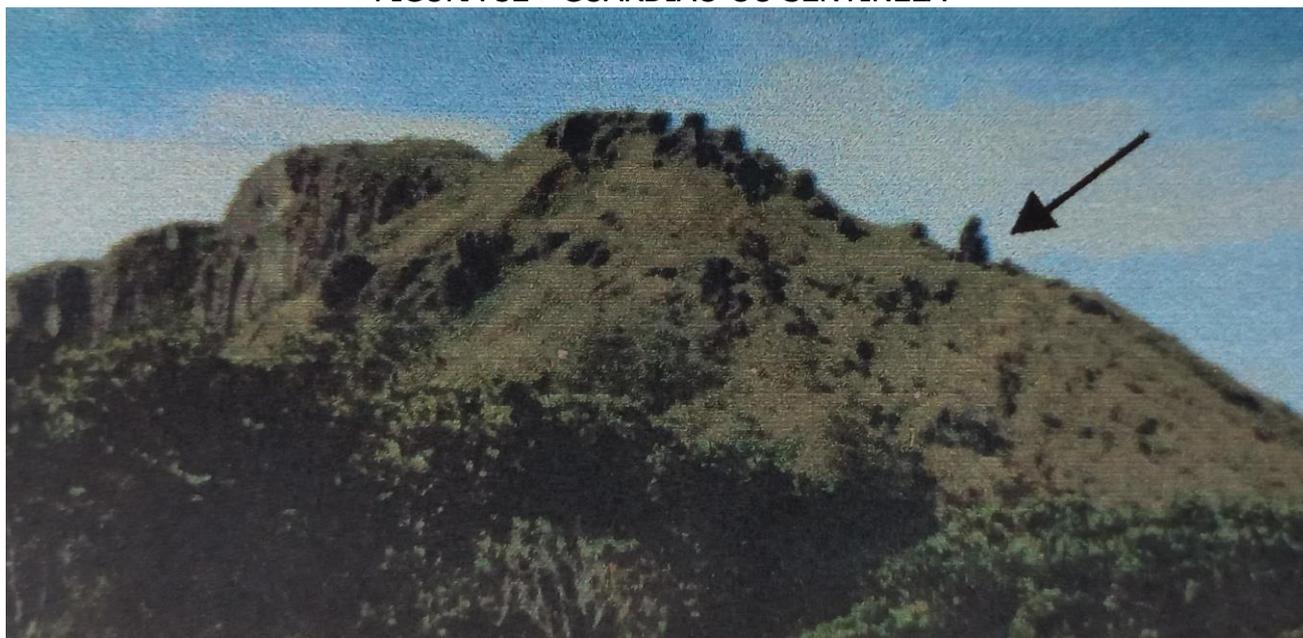


Foto de Lisandro Grzegorzcyk

Seria um fenômeno natural ou provocado? Há quem diga que se trata de um dos calendários mais antigos da humanidade, devido à sua estratégica situação, sobretudo com a posição privilegiada relativamente aos raios de sol, que ao se projetarem sobre ele, dão margem a interpretações diversas, até sobre latitude e longitude.

As lendas aumentaram nos últimos anos em função do livro Terra oca, de Raymond BERNARD, que descreve os atlantes, uma civilização de remanescentes de Atlântida que habita o centro da Terra e se comunica com o exterior através de canais. Um deles estaria no monte Crista.

Também há relatos de lendas na serra do Quiriri, ao longo do Caminho dos Ambrósios. Uma delas envolve três vaqueiros que teriam descoberto um cocho de sal cheio de ouro. Quando se preparavam para levar o tesouro foram afugentados por cavaleiros que vestiam armaduras e portavam espadas. Retornaram no dia seguinte e não acharam mais o cocho com ouro.

Outra estória é o caso do sr. Levino Sales, morador da região. Ele garantiu que teria descoberto inúmeras barras de ouro em uma gruta. Ficou combinado que em 3 dias um grupo de pessoas iriam ajudar a resgatar o ouro. No dia seguinte ele se envolveu em uma briga e morreu assassinado.

Enfim, são inúmeros os relatos envolvendo pessoas que procuravam ouro na serra do Quiriri e que acabaram morrendo de forma trágica. Na opinião dos caboclos, essas pessoas foram castigadas por tentarem se apossar de algo que não lhes pertencia.

A região do Quiriri é alvo de interesse de ambientalistas, biólogos, historiadores, místicos, ONGs e amantes da natureza, como se pode constatar na entrevista feita com o Sr. Heinz Budweg (anexo 4) e com o sr. Carlos Schneider (anexo 5). Alguns grupos de pessoas vêm realizando expedições na região, conforme reportagens do anexo 6. Marcos Piske promove exposição de fotos que revelam as belezas do Quiriri (anexo 7). Como curiosidade, a flora encontrada no caminho é riquíssima, como se pode constatar nas figuras abaixo.

FIGURA 53 - FLORES ENCONTRADAS NA SERRA DO QUIRIRI

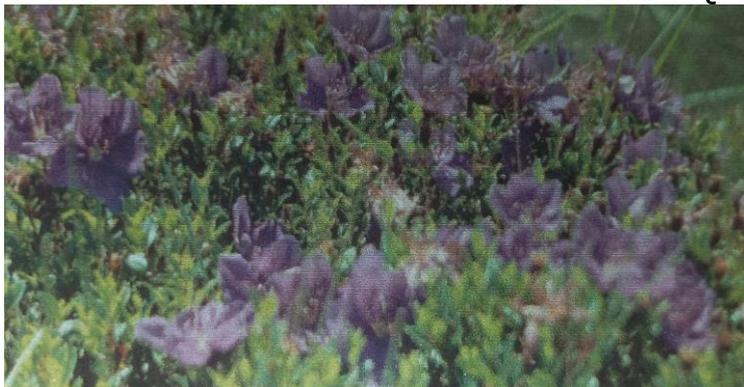


Foto de Deise S. C. de Oliveira

FIGURA 54 - OUTRA ESPÉCIE DE FLOR



Foto de Adilson Souza

FIGURA 55 — PLANTA CARNÍVORA DA ESPÉCIE DROSERAS SESSIFOLIA



Foto de Lisandro Grzegorzcyk

Também é curioso o fenômeno climático que ali ocorre: uma espessa neblina (figuras 56 e 57), que faz com que até os conhecedores da região percam a noção de direção.

FIGURA 56 - FENÔMENO CLIMÁTICO: NEBLINA



Foto de Jane B. D. Fagundes

FIGURA 57 - CAMINHO ENCOBERTO PELA NEBLINA



Foto de Jane B. D. Fagundes

Diz uma lenda que acontece este fenômeno porque, se não for o momento de seguir viagem, o caminho desaparece.

PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO

Baseando-se nos princípios do Ecoturismo, que envolve o conhecimento sobre trilhas interpretativas, capacidade de carga suportável por essas trilhas e noções de sustentabilidade das mesmas, entende-se que é viável a revitalização do Caminho dos Ambrósios, trecho que vai do rio de Una até o rio das Três Barras.

Se o Caminho dos Ambrósios receber o tipo de sinalização utilizada em trilhas interpretativas, o ecoturista poderá trilhá-lo sem dificuldades, aliando o aprendizado ao lazer, possibilitando a descoberta, observação, condições para o reconhecimento de espécies animais e vegetais, bem como os aspectos da história, geomorfologia e cultura local, além da identificação das relações ecológicas entre os seres e o ambiente. Por consequência, pode contribuir para a conservação de ecossistemas. Então, placas ao longo do caminho são interessantes, com mensagens e informações sugestivas para despertar o espírito de observação e orientar o visitante.

LINDBERG & HAWKINS (1995:64) citam: "oferecer diretrizes é um serviço muito importante para o visitante que necessita e aprecia sugestões e informações sobre comportamentos adequados e que, em geral, gosta de ter acesso a elas. A falta de informações e compreensão é responsável por muitos danos culturais e ambientais

provocados pelos turistas". Informações simples e baratas, aliadas a técnicas de divulgação, podem evitar danos irreversíveis à região.

É em função dos interesses e expectativas da peça fundamental do ecoturismo - o ecoturista — que se deve utilizar atrativos para desenhar produtos, programas e atividades ligadas ao patrimônio ambiental e cultural de uma região ou ecossistema. A qualidade de um programa turístico não está só na qualidade do atrativo ou destino e seu entorno, mas está sobretudo na forma de combinar e dosar as atividades que o constituem. Também, em virtude do rigor da "ética" ecoturística, os produtos devem ser descritos de forma clara e só prometendo o que realmente é possível fornecer. Deve-se fugir de descritivos e textos exagerados e falsos, comuns no turismo de massa.

O espaço para acampamentos e fogueiras deve ser claramente delimitado, observando que não sejam perto dos cursos de água. O lixo deverá ser trazido junto com o caminhante sem deixá-lo ao longo da trilha. Os dejetos humanos deverão ser enterrados juntamente com o papel higiênico.

Da trilha só deverá ser permitido trazer imagens fotográficas.

O importante é que as pessoas que irão trilhar o Caminho dos Ambrósios sejam orientadas de tal forma que venham a contribuir para a conservação e preservação desse patrimônio histórico. Mas, deve-se considerar que, como um destino atraente, o caminho se tornará mais procurado pelos turistas e o resultado final pode ser a destruição do patrimônio. E quanto ao meio ambiente, será modificado pela presença dos ecoturistas, não importando o quanto eles possam ser compreensíveis e conscientes.

Quanto à capacidade de carga, é muito difícil estabelecer exatamente qual é a capacidade suportável de um caminho histórico, como é este caso. Com certeza, o bom senso, a sensibilidade, o conhecimento e a experiência da pessoa ou grupo de Pessoas que irão administrar o ecoturismo na região poderá determinar essa capacidade de fundamental importância.

Com a parceria entre órgãos públicos, proprietários de terras por onde passa o Caminho dos Ambrósios, ONG's e outras organizações interessadas em Ecoturismo, poder-se-á criar um centro de informações, oferecendo ao turista folhetos e mapas da região e do caminho. Além disso, as comunidades do entorno do caminho poderão trabalhar vendendo aos turistas produtos da região, oferecendo serviços de hospedagem e alimentação.

CONCLUSÃO

Os moradores de Tijucas do Sul e região sempre ouviram histórias e lendas sobre o Caminho dos Ambrósios, despertando-se a curiosidade e a necessidade de pesquisar sobre esse caminho.

Nas pesquisas bibliográficas constatou-se o valor do Caminho dos Ambrósios como patrimônio histórico, que antes do descobrimento do Brasil já era utilizado pelos índios que ali viviam. Além disso, durante 350 anos serviu como elo de ligação entre a Comarca de Curitiba (PR) e São Francisco do Sul (SC).

Ao realizar o trabalho de investigação, encontrou-se o caminho em alguns pontos dentro da mata ainda com calçamento de pedras e muitas valas, as quais indicam que por ali passaram muitas tropas. Além disso, teve-se a oportunidade de caminhar por várias paisagens, campos de altitudes, matas densas, lagos, rios, riachos e cachoeiras.

Em alguns trechos onde a natureza sofreu alterações com reflorestamento, plantações, estradas, não foi possível trilhar com exatidão o traçado do caminho, medido com o sistema GPS em aproximadamente 54,5 km, dos quais 41,5 km dentro do município de Tijucas do Sul, PR.

Resgatar a memória, entender o mundo à sua volta, compreender a importância de não poluir as águas ou jogar lixo na trilha são princípios de convictos defensores do meio ambiente. Viabilizar o traçado do caminho para ecoturistas é uma forma de preservar a área e fornecer a oportunidade de desenvolvimento da região com o mínimo de impacto. O resgate e a preservação dos acervos históricos é um dever de todos.

Uma natureza sadia e o patrimônio preservado podem também significar um sólido capital para quem investir com sabedoria e respeito para com o meio ambiente.

Através de toda essa pesquisa, pode-se concluir que a proposta apresentada é viável. Cabe aos órgãos competentes, ONGs, pessoas físicas e jurídicas que estão ligadas ou queiram investir no ecoturismo do Caminho dos Ambrósios, estudar essa proposta com boa vontade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SABER, A. N. Províncias geológicas e domínios morfoclimáticos no Brasil. Geomorfologia, 20. São Paulo: USP/IG, 1970.
- BONDE, Rosana. A saga de Aleixo Garcia — o descobridor do império inca. 2ª. ed. Florianópolis: Insular, 1998.
- BERNARD, Raymond. A terra oca. São Paulo: Nova Era, 1999.
- COELHO, Paulo. O diário de um mago. 124ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- COOPER, C. et alli. Turismo: princípios e prática. 2ª. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- EHLKE, Cyro. A Conquista do Planalto Catarinense. Florianópolis: Laudes, 1973.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Geografia do Brasil - região sul. v. 2. Rio de Janeiro, 1990.
- GARFORTH, Chris. Uma extensão rural sustentável para uma agricultura sustentável em busca de novos caminhos. Atualização em Agroecologia. n. 28. Rio de Janeiro, jul/1995.
- HABITZREUTER, Rubens R. A Conquista da Serra do Mar. Curitiba: Pinha, 2000.
- INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ. As formações vegetais da área de influência do reservatório do rio Iraí — Piraquara/Quatro Barras — PR. Curitiba, 1995.
- INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO PARANAENSE. Boletim Especial. v. XXII. Curitiba: A. M. Cavalcanti, 1974.
- INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E SOCIAL IPARD ES. A vegetação natural do estado do Paraná. Curitiba, 1994.
- INSTITUTO DE TERRAS, CARTOGRAFIA E FLORESTA. Atlas do estado do Paraná. Curitiba, 1987.
- JOLLY, A. B. Botânica - introdução à taxonomia vegetal. 11ª. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1993.
- LALLEMANT, Robert Avé. Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. São Paulo: Itatiaia, 1980.
- LEÃO, Ermelino Agostinho de. Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná. Curitiba: Graphica Paranaense, 1926-1929.
- LINDBERG, Kreg & HAWKINS, Donald E. Ecoturismo - Um guia para Planejamento e Gestão. São Paulo: Senac, 1995.
- LORENZI, H. Árvores brasileiras - manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. São Paulo: Plantarum, 1992.

- MAACK, R. Geografia física do estado do Paraná. Curitiba: BADEP-UFP-IBPT, 1968.
- MOREIRA, Julio E. Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1975.
- MULLER, Arnaldo C. Visão das questões ambientais. Curitiba: IBPEX, 1999.
- NIJÑES, Álvaro. Naufrágios e comentários. 4ª. ed. Madrid: Austral, 1954.
- PEREIRA, J. E. Erichsen. Uma História de Caminhos. Curitiba: O Formigueiro, 1962.
- RIZZINI, C. T. Nota prévia sobre a divisão fitogeográfica do Brasil. In: Revista Brasileira de Geografia. 25 (1) Rio de Janeiro: IBGE, 1963.
- RODERJAN, C. V. et al. Levantamento fitossociológico das principais associações arbóreas da floresta nacional de Irati — PR. In: Revista da Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná. v. XIX, n. 1 e 2. Curitiba, 1989.
- SANTOS, Silvio Coelho dos. Índios e Brancos no Sul do Brasil. Florianópolis: Edeme, 1973.
- SILVEIRA, Marco A. T da. Ecoturismo da Ilha do Mel — PR. Curitiba: NIMAD/UFPR, [s.d].
- TEMPSKI, Edwino Donato. Caingângues – Gente do mato. Curitiba: Imprensa Oficial, 1986.
- UDVARDY, M. D. F. A classification of the biogeographical provinces of the world. Merges-Switzerland: JUCN, 1975.

ANEXOS

Anexo 1 – Jornal “O Dezenove de Dezembro”

O DEZENOVE DE DEZEMBRO

Transporte Das fianças criminaes ordenados, ven- cimentos ou gratificação annual de todos os empregados provinciaes ou municipaes, e valor de todas as arrematações em hasta publica. § 7.º Declina de heranças e legados... Deven dos 10 por 100 dos legados del- tados a herdeiros ou legatarios que não fo- rem descendentes ou ascendentes e da quinta parte de toda a herança ab intestado quando o herdeiro parente ate segundo grau não, porém, isentas as doações de li- turgião aos escravos, bem como os legados devidos a estes para o fim de a conse- quirem. § 8.º Despacho de embarcações..... § 9.º Imposto de casas de leilões e modas de cobrara na razão de 1 por 100 do qual- quer genero, fazendas, ou effectos que fo- rem vendidos em leilão, e de 40 \$ rs. por cada casa de modas. § 10. Direito de 20 \$ rs. de cada escrava que sair para fora da provincia..... Exceptuando-se aquelles que acompanharem seus senhores, ou forem a seu serviço. § 11. Meio por 100 de depositos..... De arrecadaria da metade de 1 por 100 da pagão dos depositos publicos, pertencen- do outro meio por 100 as collectorias em que forem depositados os valores. O depoi- to na capital, terá lugar na thesouraria, e em outra parte 1 por 100 a fazenda pro- priaria. Prohibem-se os depositos judiciaes em mais particulares. § 12. Emolumentos da administração das reudas provinciaes..... § 13. Imposto sobre os animaes no Rio Negro, comprehendendo os crioulos que sa- ãem para fora da provincia que pagarão o mesmo imposto..... § 14. Imposto sobre as rezes exportadas para fora da provincia sendo 4 \$ rs. por cada vareza e 3 \$ rs. por boi..... § 15. Multa por infracção de regula- mentos..... § 16. Receita eventual.....	36:600\$000 6:000\$000 300\$000 200\$000 400\$000 600\$000 1:000\$000 120:000\$000 10:000\$000 300\$000 1:000\$000 176:400\$000
---	--

Art. 3.º Ficão revogados todos os impostos não contemplados na presente lei.

Continúa.

O conselheiro presidente da provincia, em virtude da attribuição que lhe confere o acto adicional, e autorisado pelo § 2.º do art. 6.º capítulo 5.º de lei n. 19 de 18 de setembro do corrente anno, expede e ordena que se execute o seguinte

REGULAMENTO.

- Art. 1.º O imposto de 2\$000, sobre as rezes que se matam, será cobrado na forma do § 3.º art. 2.º da lei do orçamento de 18 de setembro do corrente anno, de toda e qualquer rez, que, morta, for vendida no todo ou em parte, verde, secca ou de outra qualquer forma preparada.
- Art. 2.º Ninguem poderá matar rez para vender, com-
 forme o exposto no art. 1.º, sem ter primeiramente obtido do collecter, o conhecimento de haver pago os respectivos direitos.
- Art. 3.º As pessoas, que houverem de pagar o imposto, devem declarar ao collecter o numero do rezes, o lugar o tempo em que pretendem matar, e se é para vender verde, ou para charquear: os conhecimentos conterão estas declarações.
- Art. 4.º Os individuos que matarem rezes sem pagar o imposto na forma dos artigos antecedentes, ficão sujeitos a multa de dez mil réis, por cada uma rez (alem do imposto) que será cobrada executivamente. E quando seõ encontrados em flagrante violação do que determina este regulamento, serãõ as rezes, que se acharem mortas, apprehendidas e immediatamente vendidas por ordem da collectoria.
- Art. 5.º Se a multa ou apprehensão for em reincidência, os infractores incorrerão em quinze dias de prisão, além da multa do artigo antecedente.
- Art. 6.º Quando a multa for imposta ou a apprehen-

ção feita, por ter o collecter conhecimento da infracção em razão da denuncia, dada por escripto e devidamente assignada, metade do producto da multa ou apprehensão pertencerá ao denunciante.

Art. 7.º Não se dará passagem nas barreiras e nos registros do Rio-Negro, Chapecó, Itararé, e Ambrozios, e despacho para o embarque nas collectorias de Paranaguá, Antonina e Guaratuba do 1.º de março proximo futuro, ao charque, que nessas estações se apresentar para transitar ou embarcar, sem que o mesmo esteja acompanhado da competente guia da respectiva collectoria, em que mostre ter pago os direitos das rezes, que se matarão, contando-se o mesmo charque na razão de sete arrobas por cada uma rez.

Art. 8.º O charque, que até a data acima for transportado pagará na primeira estação, que verificar a falta de guia, os direitos na forma do artigo antecedente.

Art. 9.º Quando qualquer guia for apresentada, os administradores ou collectores porão o—visto—e data, rubricando-as com seus escrivães, e quando haja differença entre a guia e a carga, notarão nas mesmas guias as alterações que encontrarem.

Art. 10. Os collectores, por si o seus agentes, velarão na fiel execução do presente regulamento, e quando se cobriga que as infracções provem do seu deleixo ou conveniência, serãõ suspensos ou demittidos á arbitrio do governo, ouvida a thesouraria.

Art. 11. A carne em charque, ou por qualquer outra forma, que achar-se do 1.º de março em diante, sem ser acompanhada da respectiva guia, será apprehendida pela estação em que transitar e vendida por ordem da repartição apprehensora.

Art. 12.— Das decisões dos collectores, que as partes julgarem offensivas de seus direitos, poderão recorrer para a thesouraria, e desta para o governo da provincia. Palacio do governo do Paraná, em 14 de dezembro de 1854.—Zaccarias de Góes e Vasconcellos.

EXPEDIENTE DO DIA 19 DE DEZEMBRO.

Ao capitão do porto de Paranaguá—Tomando em consideração o que vni. representa em seu officio de 9 do corrente, sob n. 48, acompanhado do requerimento em que Faustino Antonio Soares, mostrando achar-se matriculado nessa capitania como pescador, pedia dispensa do serviço da guarda nacional, resolvei determinar que o dito Soares fosse dispensado daquelle serviço, como vni. veri do officio desta data, incluso por copia, que dirigi ao coronel chefe de legião Manoel Antonio Guimarães. O que communico a vni. para sua intelligencia e em resposta ao seu mencionado officio.

Ao dr. chefe de policia da provincia—Com o officio de v. s. datado de 15 do corrente, sob n. 116, recebi as informações que v. s. pode obter a respeito da noticia que aqui correo de que se tratava de entulhar o canal de Antonina, e fico inteirado das providencias por v. s. tomadas sobre semelhante objecto. O que communico a v. s. para o devido conhecimento e em resposta ao subredito officio.

Ao mesmo—Haja v. s. de remetter à esta presidencia um mappa dos morpheticos existentes nesta provincia, o qual deverã ser organizado em conformidade do modelo, que junto remetto para v. s. transmittir ás differentes autoridades policieas.

Ao mesmo—Fico inteirado, pelo seu officio de 15 do corrente sob n. 117, das providencias por v. s. dadas para averiguação do naufragio da canoa em que vinhão as mulas do correo com a correspondencia da corte. O que communico a v. s. para a devida intelligencia, e em resposta ao referido officio.

Ao mesmo—Accuso recebido o seu officio de 16 do corrente. sob n. 119, e pela sua leitura fico inteirado de haver v. s. verificado ser falsa a noticia que por aqui corria que a bordo da barca *Florentin*, chegada a S. Francisco o proca-

O DEZENOVE DE DEZEMBRO

quinta dia, á comença de hoje, o amanuense da secretaria da assemblea provincial, alli em servico, Manoel Jonquim de Castro; devendo por tanto cessar, durante este espaço de tempo, a gratificação mensal de 20000 que por semelhante trabalho percebe na forma da lei provincial n. 19 de 18 de setembro ultimo.

POLICIA.

Continuado do numero antecedente.

CURITYBA.

(1.º termo judiciario e policial).

A 12 leguas da villa de Antonina e 9 de Morretes está assentada a cidade de Curityba, fundada em 1654 por Elzei-oro Ebano Pereira, e elevada a villa em novembro de 1683 por Gabriel de Lara, capitão mór, e procurador do marquez de Cascaes. Veio em 1812 a ser a residencia do marquez de Paranaguá. Passou á cathogoria de cidade pela lei de 5 de fevereiro de 1842, e pela lei geral de 29 de agosto de 1853 teve a alta honra de ser a capital da nova provincia. É ella a residencia do delegado do governo supremo, a sede da assemblea provincial, da thesouraria geral e provincial, da secretaria do governo, da policia, e da administração do correio. Ali reside o juiz de direito, e promotor da comarca. Tem uma collectoria de rendas, dous escriptaes do judicial, um de orfaos, um distribuidor creado pela lei n. 6 de 7 de abril de 1851, e o corpo provisório da provincia creado em conformidade do decreto n. 1282 de 26 de novembro ultimo.

A cidade de Curityba é tambem a sede do collegio eleitoral, que se compoe de 51 eleitores, competindo a parochia da cidade dar 31. O seu conselho de jurados consta regularmente de 226 cidadãos.

Tem ella um lyceo creado pela lei n. 33, de 13 de março de 1843, e 16 de março de 1847, o qual porea ainda não foi levado a effeito, existindo apenas duas escolas de 1.ªs letras para meninos, e uma para meninas.

Conta ella quatro igrejas: a 1.ª a matriz sob a invocação de Nossa Senhora da Luz em bom estado, e ainda não concluida; a 2.ª do Rosario; 3.ª a da ordem terceira; e 4.ª a de S. Francisco de Paula em principio de construcção.

Tem 7 irmandades, todas com seus compromissos approvados; e são ellas, a do SS. Sacramento, a de Nossa Senhora da Luz, a de S. Miguel e Almas, a de S. Francisco das Chagas dos terceiros, a de Nossa Senhora do Rosario, e a da misericordia. Consta-me que esta da misericordia tem já alguns lundos seus.

Formo o cortejo da cidade os seguintes lugares: S. José dos Pinhaes em distancia de tres leguas da cidade, elevada a villa pela lei provincial n. 10, de 16 de junho de 1852, a antiga capella do Campo-largo elevada a freguezia pela lei n. 23, de 12 de março de 1841, em distancia de 5 leguas, a freguezia de Palmeira distante 14 leguas, as capellas de Vutuverava a oito leguas, e Yguassú, antigamente Tintiquera, arredado 4 leguas da cidade.

A cidade de Curityba tem uma casa de camara e cadêa regulares, e um proprio provincial comprado ultimamente para as sessões da assemblea.

Não estando bem definidas as divisas de Vutuverava e Curityba foi o governo de S. Paulo autorizado pela lei n. 6 de 6 de setembro de 1842 a nomear quem as examinasse, de modo que se foi para fixar as de Curityba e Castello pela lei n. 5 de 22 de março de 1851.

Tem a cidade de Curityba 27 quarteiros, que são os seguintes: 1.º a da cidade; 2.º o Ahú; 3.º Pilarzinho; 4.º Nossa Senhora das Mercês; 5.º Santa Quitéria; 6.º Tatuquara; 7.º Campo-amplado; 8.º Botiatuvimba; 9.º Campo-magro; 10.º Apolá; 11.º Palmiteir; 12.º Cachoeira; 13.º Veados; 14.º Ribeirão da Onca; 15.º Capivary; 16.º Horto Alegre; 17.º Rorão do Campo; 18.º Campo-largo; 19.º

Arraial; 20.º Serro-lindo; 21.º Marmelleiro; 22.º Bitatón; 23.º Pacutiva; 24.º Tranqueira; 25.º Conceição; 26.º Ourifino; 27.º Assunguy de Cima.

Nestes 27 quarteiros existem 5,819 individuos, dos quaes são homens 2,910, e 2,879 mulheres. Não passam de 21 annos 3,674, de 40 annos 1,654, e sobem dessa idade de 491. São solteiros 4,359, casados 1,279, e 151 viúvas. São brancos 4,102, mulatos e pardos 955, e pretos 761 de que 473 são escravos. (Mappa n. 1).

No anno passado houverão 614 baptizados, sendo 572 livres e 36 escravos; o numero dos mortos foi de 125, dos quaes foram escravos, sendo por tanto o excesso dos nascidos sobre os mortos de 489, tendo havido 106 casamentos, dous dos quaes foram de escravos (Mappa n. 2).

Conta a cidade de Curityba 308 casas e 52 em construcção; 38 lojas de negocio e 35 armazens, 3 lojas de ourives, 5 de ferreiro, 2 de marceneiro, 1 de selleiro, 6 de alfaiate, 9 de sapateiro, 3 açougues, 1 padaria. Além de diferentes casas, onde se vende pão, e uma typographia onde se imprime o periodico DEZENOVE DE DEZEMBRO, que publica os actos do governo. Tem mais 99 negociantes, 802 lavradores, 10 oleiros, e 43 estrangeiros.

Confina ella com Antonina em distancia de doze leguas, com Morretes a 9 leguas, com a villa do Príncipe a quinze, e com Castro em distancia de trinta leguas.

Occupão-se seus habitantes na criação de toda especie de gado. Colhe-se muito milho, feijão, pipim, batatas, algum trigo, e sobre tudo muita herva mate, de que ha quinze engenhos. Ha enfim treze fazendas de criar.

* S. JOSÉ DOS PINHAES.

(Villa, districto de Curityba).

Pela lei provincial de S. Paulo n. 10 de 16 de junho de 1852 foi elevada a villa a freguezia de S. José dos Pinhaes.

Contem 810 fogos nos 20 quarteiros seguintes: 1.º e 2.º da villa; 4.º e 5.º do Cupim; 6.º e 7.º de Piraquara; 8.º e 9.º do Campo-largo; 10.º do Campeste; 11.º e 12.º do Marcellino; 13.º e 14.º do Mandirituba; 15.º do Mato-dentro; 16.º do Faxinal; 17.º, 18.º, e 19.º dos Ambrozios; 20.º do Fulla.

Nestes 20 quarteiros se abrigio 4,660 individuos, dos quaes 2,301 são homens, e 2,359 são mulheres. Não passam de 21 annos 2,831, dos 40 annos 1,251, e sobem dessa idade 528. São solteiros 3,286, casados 1,203, e viúvas 166. São brancos 2,696, pardos e mulatos 932, e 972 pretos, sendo 365 escravos. (Mappa n. 1).

Houverão no anno passado 225 baptizados, 38 casamentos, e 34 enterros, sendo o excesso dos nascidos sobre os mortos de 191. (Mappa n. 2).

Tem a villa uma igreja, tres cemiterios, dez casas de negocio, dous engenhos de herva mate, nove fazendas de criar, oitenta e nove casas, e dez chacaras. Da doze eleitores para o collegio de Curityba.

YGUASSÚ.

(Capella curada, districto de Curityba).

Em distancia de 4 leguas da cidade demora a districto de Yguassú, antigamente Tintiquera, com a extenção de quatro e meia leguas de frente, e outras tantas de fundo. Tem 6 quarteiros, 309 sitios de lavoura, 10 pequenas fazendas de criar, um engenho de herva mate, cinco casas de negocio, e uma igreja. A população é de 1,632 almas, a saber: 831 varões e 801 mulheres. Não passam de 21 annos 893, de 40 annos 460, e sobem dessa idade 283. São solteiros 1,260, casados 260, e 49 viúvas. São brancos 952, mulatos e pardos 320, e pretos 14. Tem 71 escravos. (Mappa n. 3).

VUTUVERAVA.

(Capella curada, districto de Curityba).

A 9 leguas de distancia de Curityba fica a villa de Vutuverava, com a extenção de 10 leguas de frente, e 10 de fundo.

Anexo 2 – Documento da época da construção da Estrada dos Ambrósios

Estrada existente até hoje, que em alguns trechos é paralela ou transversal ao caminho dos Ambrósios.

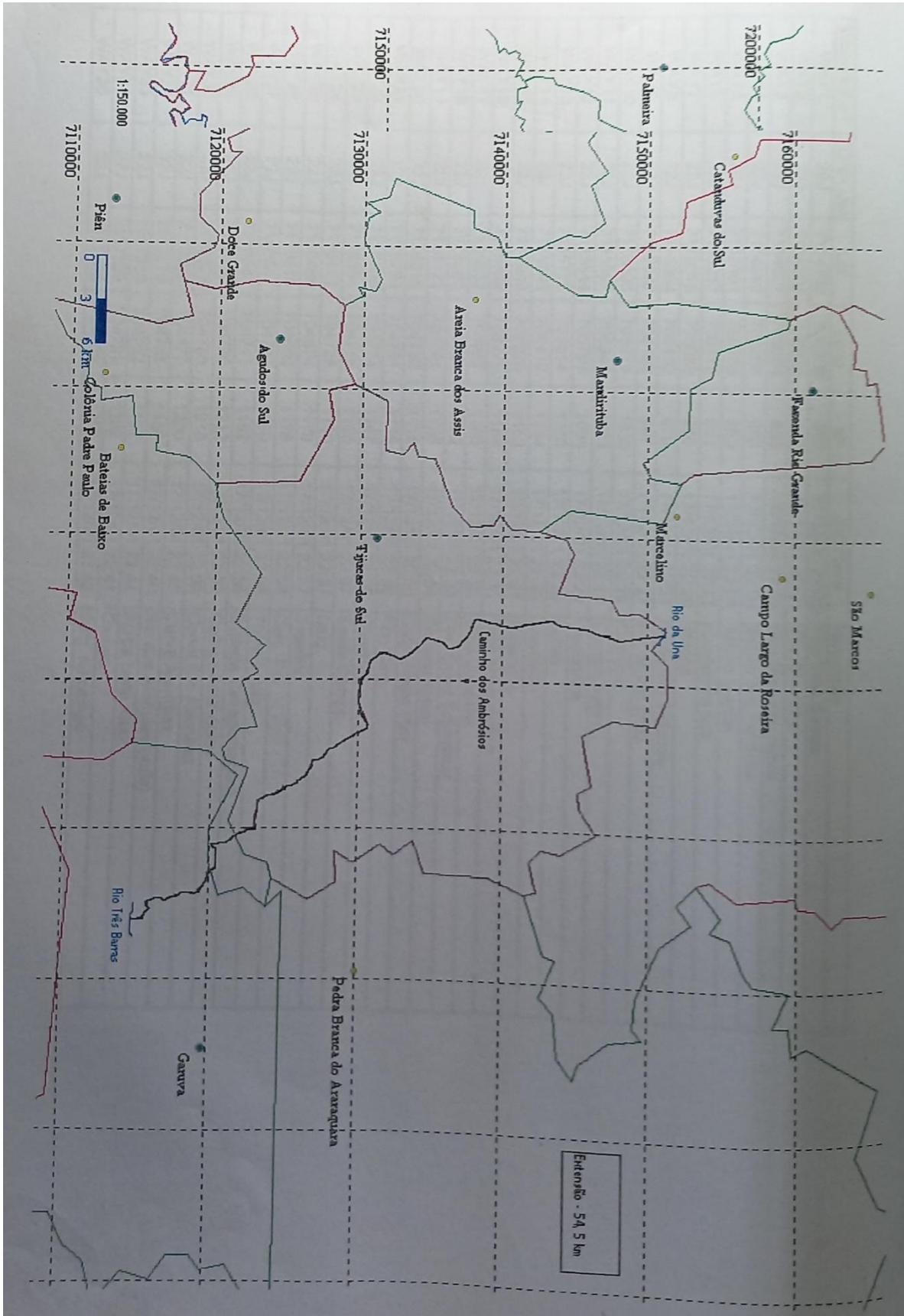
Colégio do Espírito

in das Obras de Construção, da Cidade de Salvador, em 19 de Setembro de 1913

N.º	Nomes	Emprego	Dias Serviço	Jornal	Total	Assinaturas	Observações
1	Macimino Lagonel	Feito	3	3 500	10 500	Macimino Lagonel	Estadista
2	Antonio Molitor	Comarça	3	2 500	7 500	Molitor Antonio	Mateusica
3	João Seguro	...	3	2 500	7 500	João Seguro	João Seguro
4	Santos Frantz		3	2 500	7 500		Santos Frantz
5	Lebasião Villatorre		3	2 500	7 500		
6	Angelo Villatorre		3	2 500	7 500		
7	José Lourenço		3	2 500	7 500		
8	Francisco Antunes		3	2 200	6 600		
9	Adão Antunes		3	2 500	7 500		
10	Alcides Benedito		3	2 500	7 500		
11	Calder Lagunes		3	2 500	7 500		
12	Castanho Lagunes		3	2 500	7 500		
13	João Lagunes		3	2 215	6 645		
14	Beato Lagonel		3	2 200	6 600		
15	João Gene		3	2 200	6 600		
16	João Broco		3	2 500	7 500		
17	Luis Gardola		2 3/4	2 500	6 875		
18	Meaco Gardola		3	2 500	7 500		
19	João Marinho		3	2 400	7 200		
20	Basílio Vermanete		3	2 500	7 500		
21	Luis Mendo		3	2 500	7 500		
22	Angelo Danios		3	2 500	7 500		
23	Jose Bito		3	2 500	7 500		
24	Carresa D. A. Valle		2 3/4	500	7 375		
					18 502 5		

• No total de 6 em 1913 31 de Setembro de 1913

Anexo 3 – Mapa do Caminho dos Ambrósios traçado com o GPS



WAYPOINT	ZONA UTM	LATITUDE	LONGITUDE	ALTITUDE	DATA/HORA	DESCRIÇÃO
WAY1	22J	7114786	706206	869	17/12/2001 22:00	Rio Três Barras
WAY2	22J	7114804	706028	893	17/12/2001 22:01	Rio Bracinho
WAY3	22J	7114837	706004	893	17/12/2001 22:03	Rio Bracinho curva
WAY4	22J	7114942	706065	953	17/12/2001 22:04	Morro dos Perdidos
WAY5	22J	7115161	706056	953	17/12/2001 22:08	Morro Marcia
WAY6	22J	7115257	706112	951	17/12/2001 22:23	Cachoeira sub.
WAY7	22J	7115315	706089	966	17/12/2001 22:26	Rocha
WAY8	22J	7115384	706102	979	17/12/2001 22:27	Vista Rio 3 Barras
WAY9	22J	7115542	706108	997	17/12/2001 22:27	Av. Maria João
WAY10	22J	7115596	705876	1039	17/12/2001 22:28	Caminho
WAY11	22J	7115597	705842	1058	17/12/2001 22:28	Campo Sales
WAY12	22J	7115644	705703	1094	17/12/2001 22:29	Cachoeira
WAY13	22J	7115775	705614	1103	17/12/2001 22:29	Lebre
WAY14	22J	7115996	705419	1144	17/12/2001 22:30	Nevoeiro
WAY15	22J	7115940	705225	1153	17/12/2001 22:31	Matacões
WAY16	22J	7115852	705225	1159	17/12/2001 22:31	Vale entre rochas
WAY17	22J	7115832	704967	1180	17/12/2001 22:32	Vista Joinville
WAY18	22J	7116083	704744	1152	17/12/2001 22:33	Div. Sales Schneider
WAY19	22J	7116172	704741	1155	17/12/2001 22:34	Entrada Mato
WAY20	22J	7116215	704782	1118	17/12/2001 22:35	Calç. Pedra (rio)
WAY21	22J	7116239	704781	1119	17/12/2001 22:36	Fim Calç.
WAY22	22J	7116336	704784	1147	17/12/2001 22:36	Clareira
WAY23	22J	7116384	704755	1155	17/12/2001 22:37	Saída Campo
WAY24	22J	7116411	704728	1160	17/12/2001 22:37	Calç.
WAY25	22J	7116466	704674	1178	17/12/2001 22:37	3 xaxins
WAY26	22J	7116515	704680	1175	17/12/2001 22:38	Calç. fim
WAY27	22J	7116547	704707	1180	17/12/2001 22:38	Trilha funda
WAY28	22J	7116581	704711	1182	17/12/2001 22:38	Estrada Terraplanagem

WAY29	22J	7116785	704725	1212	17/12/2001 22:39	Campo Ambrósias
WAY30	22J	7116928	704735	1216	17/12/2001 22:39	Curva Rio Alemães
WAY31	22J	7117080	704870	1200	17/12/2001 22:40	Curva Alemães
WAY32	22J	7117276	704766	1186	17/12/2001 22:40	Rio dos Alemães (vale)
WAY33	22J	7117358	704752	1197	17/12/2001 22:41	Saída Leito Atual
WAY34	22J	7117359	704731	1202	17/12/2001 22:41	Campo
WAY35	22J	7117438	704702	1207	17/12/2001 22:42	Calç. no campo
WAY 36	22J	7117477	704670	1206	17/12/2001 22:42	Curva Calç.
WAY37	22J	7117496	704659	1221	17/12/2001 22:42	Ecótono Mata Campo
WAY38	22J	7117495	704639	1237	17/12/2001 22:43	Acidente Hamilton
WAY39	22J	7117496	704572	1257	17/12/2001 22:43	Caiapiazeiro
WAY40	22J	7117671	704529	1261	17/12/2001 22:45	Entrada mato
WAY41	22J	7117713	704539	1259	17/12/2001 22:46	Rio Calç.
WAY42	22J	7117739	704574	1263	17/12/2001 22:46	Mato
WAY43	22J	7117772	704583	1269	17/12/2001 22:47	Declive Calç.
WAY44	22J	7117801	704530	1295	17/12/2001 22:47	Curva Calç.
WAY45	22J	7117837	704525	1301	17/12/2001 22:47	Araçazeiro
WAY46	22J	7117915	704498	1317	17/12/2001 22:48	Estrada Rio Alemães
WAY47	22J	7118011	704495	1334	17/12/2001 22:48	Cerca
WAY48	22J	7118148	704377	1318	17/12/2001 22:49	Estrada
WAY49	22J	7118462	704377	1284	17/12/2001 22:50	Bifurc. Represa
WAY50	22J	7118644	704371	1282	17/12/2001 22:50	Casa Schneider
WAY51	22J	7118793	704454	1280	17/12/2001 22:50	Estrada Lago Artificial
WAY52	22J	7119341	704364	1271	17/12/2001 22:51	Ponte Rio
WAY53	22J	7119430	704112	1284	17/12/2001 22:51	Bifurc. Mineiraçao
WAY54	22J	7119842	703451	1350	17/12/2001 22:56	Vista do Iago
WAY55	22J	7119923	703294	1362	17/12/2001 22:56	Curva Cume
WAY56	22J	7119776	702997	1343	17/12/2001 22:57	Passagem Riacho Preto
WAY57	22J	7120069	702920	1379	17/12/2001 22:58	Casa Sylvio
WAY58	22J	7120124	702778	1389	17/12/2001 22:59	Portão Mangueira

WAY59	22J	7120801	702725	1393	17/12/2001 22:59	Riacho Açude
WAY60	22J	7120369	702670	1428	17/12/2001 23:00	Campo Boqueirão
WAY61	22J	7120427	702413	1420	17/12/2001 23:01	Vista Fradinho
WAY62	22J	7120416	702227	1399	17/12/2001 23:02	Cachoeira Rio Ne ro vista
WAY63	22J	7120418	702160	1405	17/12/2001 23:02	Cume Fradinho
WAY64	22J	7120487	701905	1326	17/12/2001 23:03	Base Cume Fradinho
WAY65	22J	7120539	701499	1272	17/12/2001 23:03	Lago Seco
WAY66	22J	7120086	701101	1126	17/11/2001 23:03	Descida Fradinho
WAY67	22J	7121105	701030	1097	17/12/2001 23:05	Rio Fradinho
WAY68	22J	7121174	700944	1105	17/12/2001 23:06	Calç. Vista Mar
WAY69	22J	7121198	700929	1105	17/12/2001 23:06	Final Calç.
WAY70	22J	7121567	700669	1098	17/12/2001 23:07	Final Caminho em nível
WAY71	22J	7121627	700592	1090	17/12/2001 23:08	Estrada Adolfo Bana
WAY72	22J	7121716	700540	1075	17/12/2001 23:08	Saída Estrada
WAY73	22J	7121748	700481	1046	17/12/2001 23:09	Rio Negro (Vale de passagem)
WAY74	22J	7121765	700455	1052	17/12/2001 23:10	Acam amento Rio Ne ro
WAY75	22J	7121865	700355	1087	17/12/2001 23:10	Samambaial
WAY76	22J	7121930	700375	1111	17/12/2001 23:10	Pinus
WAY77	22J	7122041	700488	1130	17/12/2001 23:11	Araucária
WAY78	22J	7122086	700461	1139	17/12/2001 23:11	Erosão em S. Vala
WAY79	221	7122058	700410	1177	17/12/2001 23:12	Riacho Sub.
WAY80	221	7122253	700331	1205	17/12/2001 23:12	Pinus Comfloresta
WAY81	22J	7122335	700195	0	17/12/2001 23:13	Árvore isolada
WAY82	22J	7122480	700085	1264	17/12/2001 23:14	Estrada Comfloresta
WAY83	22J	7122513	700060	1235	17/12/2001 23:15	Rochedo
WAY84	22J	7122971	700139	1206	17/12/2001 23:15	Rocha Isolada
WAY85	22J	7122916	700151	1180	17/12/2001 23:16	Riacho
WAY86	22J	7123062	700150	1142	17/12/2001 23:16	Rochedos / direita
WAY87	22J	7123104	699831	110	17/12/2001 23:16	Caminho Vacas
WAY88	22J	7123062	699792	1105	17/12/2001 23:17	Lage

WAY89	22J	7123023	699690	1094	17/12/2001 23:17	Campina Pendurados (esq.)
WAY90	22J	7123123	699362	1057	17/12/2001 23:18	Rio Pendurado dos Solais
WAY91	22J	7123139	699377	1010	17/12/2001 23:18	Passagem Rio
WAY92	22J	7123107	699277	1014	17/12/2001 23:18	Estrada Comfloresta 2
WAY93	22J	7123104	699142	1020	17/12/2001 23:19	Estrada Comfloresta 3
WAY94	22J	7123109	699091	1025	17/12/2001 23:19	Estrada Comfloresta Rio Solais
WAY95	22J	7123239	699001	1015	17/12/2001 23:20	Estrada Comfloresta 5 (erro)
WAY96	-	-83,3938	-35,3203	1012	17/12/2001 23:20	Estrada Rio Solais
WAY97	22J	7123188	698701	982	17/12/2001 23:21	Estrada Rio Solais
WAY98	22J	7123173	698653	951	17/12/2001 23:21	Vale Rio Solais Passo
WAY99	22J	7123263	698523	954	17/12/2001 23:22	Declive Limoeiro
WAY100	22J	7123255	698219	947	17/12/2001 23:22	Porteira limoeiro
WAY101	22J	7123438	698158	921	17/12/2001 23:23	Rio do Rancho
WAY102	22J	7123475	698114	917	17/12/2001 23:23	Riacho Porteita Oliveira
WAY103	22J	7123671	698019	932	17/12/2001 23:23	Ca oeira Nova
WAY104	22J	7123743	697867	916	17/12/2001 23:24	Rancho Limoeiro
WAY105	22J	7123955	697827	889	17/12/2001 23:26	Cerca Potreiro
WAY106	22J	7124218	697784	880	17/12/2001 23:26	Riacho Oliveira
WAY107	22J	7124324	697794	887	17/12/2001 23:27	Ribeirão Campina do Meio
WAY108	22J	7124658	697570	867	17/12/2001 23:27	Rio Lama Preta
WAY109	22J	7124762	697548	856	17/12/2001 23:28	Estrada Porto Piraiguaçu
WAY110	22J	7124768	697536	858	17/12/2001 23:28	Portão Tobias Meira
WAY111	22J	7124932	697243	862	17/12/2001 23:28	Clareira Várzea
WAY112	22J	7125066	697267	884	17/12/2001 23:29	Passo Piraiguaçu
WAY113	221	7125045	697273	859	17/12/2001 23:29	Junção Rio
WAY114	22J	7125080	697320	853	17/12/2001 23:30	Estrada Comfloresta
WAY115	221	7125669	697133	866	17/12/2001 23:30	Serraria Comfloresta
WAY116	22J	7126053	696780	886	17/12/2001 23:30	Saída Estrada
WAY117	22J	7126163	696734	892	17/12/2001 23:31	Saída Estrada Comfloresta
WAY118	221	7126276	696695	861	17/12/2001 23:31	Marco Cornfloresta

WAY119	22J	7126403	696498	850	17/12/2001 23:32	Casa Ermelino Gomes
WAY120	22J	7126503	696338	843	17/12/2001 23:32	Porto Rio Piraízinho
WAY121	22J	7126641	696163	860	17/12/2001 23:32	Araucaria 50 anos
WAY122	22J	7126836	695979	857	17/12/2001 23:34	Cemitério Martins
WAY123	22J	7126890	695940	861	17/12/2001 23:34	Canteiro Jasmim
WAY124	22J	7126897	695886	863	17/12/2001 23:35	Cemitério Martins
WAY125	22J	7126826	695433	921	17/12/2001 23:36	Xaxim Gigante Ambrósios
WAY126	22J	7126987	695485	956	17/12/2001 23:36	Estrada Funda
WAY127	22J	7127119	695471	965	17/12/2001 23:36	Morro da Lomba
WAY128	22J	7127391	695461	1002	17/12/2001 23:37	Alto do Cambajuva
WAY129	22J	7127475	695420	1005	17/12/2001 23:37	Vista Panorâmica
WAY130	22J	7127523	695364	1015	17/12/2001 23:38	Vala Saibreira
WAY131	22J	7127610	695323	1007	17/12/2001 23:38	Saibreira Milla
WAY132	22J	7127742	695147	986	17/12/2001 23:38	Bifurc. Saibreira
WAY133	22J	7127982	694665	974	17/12/2001 23:39	Saída Estrada Ambrósios
WAY134	22J	7128277	694701	984	17/12/2001 23:39	Entrada Militão
WAY135	22J	7129333	693991	920	17/12/2001 23:40	Travessia Valdico
WAY136	22J	7129865	693683	921	17/12/2001 23:41	Igreja São João
WAY137	22J	7130471	693420	919	17/12/2001 23:41	Caminho Ambrósios (Pararel. PR 281)
WAY138	22J	7130503	629784	901	17/12/2001 23:42	Engenhoca Rio Ingá/Rib. Mel
WAY139	22J	7130677	693118	900	17/12/2001 23:47	Engenhoca Biquinha
WAY140	22J	7130503	693784	901	17/12/2001 23:47	Rio Ingá/Rib. Mel
WAY141	22J	7130033	691714	978	17/12/2001 23:48	Alto Serrinha (BASTOS)
WAY142	22J	7130196	689925	942	17/12/2001 23:48	Saída Lagoa do Padre
WAY143	22J	7130591	689538	941	17/12/2001 23:49	Travessia Estrada Buenos
WAY144	22J	7130629	689418	935	17/12/2001 23:49	Sanga Moisés
WAY145	22J	7130659	689383	936	17/12/2001 23:50	Passagem sanga
WAY146	22J	7130648	689284	944	17/12/2001 23:50	Antigo Posto Fiscal
WAY147	22J	7130737	689018	942	17/12/2001 23:51	Saída Travessia Postinho - (ant. Nir)
WAY148	22J	7130812	688752	949	17/12/2001 23:51	Ex-casa Nir

WAY149	22J	7130923	688624	941	17/12/2001 23:51	Paiol Antonio Mercado
WAY150	22J	7131007	688560	936	17/12/2001 23:52	Podocarpus Pinho (Caminho Amb).
WAY151	22J	7131119	688464	934	17/12/2001 23:52	Aterro /cerca
WAY152	22J	7131215	688396	932	17/12/2001 23:53	Araucária Centenária (prox. Escola)
WAY153	22J	7131436	688272	927	17/12/2001 23:53	Trevo Ambrósios
WAY154	22J	7131896	688148	944	17/12/2001 23:54	Rio Colono Altura Amb.
WAY155	22J	7132915	688600	944	17/12/2001 23:54	Entrada Campo Comprido
WAY156	22J	7133765	688043	943	17/12/2001 23:54	Entrda Capoeirinha
WAY157	22J	7134756	687158	935	17/12/2001 23:55	Capela São João Maria (olho d'água)
WAY158	22J	7135737	687357	923	17/12/2001 23:55	Rio Rodeio
WAY159	22J	7136022	687587	935	17/12/2001 23:56	Igreja São Sebastião Rodeio
WAY160	22J	7136176	687805	946	17/12/2001 23:56	Entrada / Várzea
WAY161	22J	7136921	687712	940	17/12/2001 23:57	Entrada 2 / Várzea
WAY162	22J	7137727	686747	920	17/12/2001 23:57	Rio Rodeio
WAY163	22J	7137937	685877	942	17/12/2001 23:57	Sr. Benjamim
WAY164	22J	7138078	685799	938	17/12/2001 23:58	Igreja N. S. do Rocio - Tabatinga
WAY165	22J	7140516	686357	907	17/12/2001 23:58	Saída Asfalto para Taboado
WAY166	22J	7141486	686138	900	17/12/2001 23:59	Ponte Rio Taboado
WAY167	22J	7143388	685836	915	17/12/2001 23:59	Subida do Vintém
WAY168	22J	7143916	686166	921	18/12/2001 00:00	Antigo Posto Fiscal Est. Velha
WAY169	22J	7145798	686363	909	18/12/2001 00:00	Riacho Afluente Avençal
WAY170	22J	7146707	686635	922	18/12/2001 00:01	Entrda Est. Batistão
WAY171	22J	7147260	686805	924	18/12/2001 00:01	Estrada Cruzinha
WAY172	22J	7148085	686992	925	18/12/2001 00:01	Escola Dom Pedro Primeiro
WAY173	22J	7151057	686567	917	18/12/2001 00:02	Ponte Concreto Rio do Una. Hotel La Doce Vita

Anexo 4 – Entrevista com o Sr. Heinz Budweg

Esta entrevista foi realizada com o pesquisador Heinz Budweg, por telefone, por Celso de Joinville. O senhor Heinz mora em São Paulo.

O engenheiro elétrico Heinz Budweg, 61 anos, alemão naturalizado brasileiro, nunca exerceu a profissão na engenharia. Escolheu a publicidade para ganhar a vida e a pesquisa como realização. Ele pesquisa desde os 13 anos de idade, quando aportou no Brasil em 1953, vindo de Berlim. A guerra forçou a emigração dos pais e já no porto de Santos se apaixonou pela beleza da serra e os mistérios do novo continente. Uma obsessão juvenil que nunca mais conseguiu abandonar: Leitura de centenas de livros, visita a bibliotecas do mundo, viagens exploratórias pela América, documentação fotográfica e manuscrita. Budweg pretende até o final deste ano, terminar o livro: "Brasil antes de Cabral". Concedeu esta entrevista sobre o Monte Crista em São Paulo, na mesma semana em que registra, como pessoa jurídica, o projeto do centro de estudos pré-históricos Tapajós, grupo de especialistas e pesquisadores.

Natureza - Porquê um jovem alemão começou pesquisar a pré-história do Brasil?

Budweg - Foi coisa do destino. Ainda está na minha mente a primeira imagem que tive do Brasil, de dentro do navio próximo ao porto de Santos, me extasiei com a beleza das águas, montanhas e praias. Foi uma emoção tão forte que comentei com meus pais não acreditar na história de Cabral. Esta ideia de descobrir sobre os primeiros moradores do continente nunca mais me abandonou.

Natureza - Quais foram os primeiros passos, numa época de dificuldades para um imigrante?

Budweg - Mergulhei em leituras. Comecei a visitar bibliotecas do Brasil e da Europa. Escolhi como tema o descobrimento das Americas: Antropologia, etnologia, geologia, geografia, astronomia e linguística em livros em Português, Alemão, Francês e Inglês. Nas férias viajava para pesquisar. Acredito que li aproximadamente dois mil livros sobre o assunto.

Natureza - Quando e como o senhor começou a recolher impressões e conhecimentos da pré-história do Brasil?

Budweg - Comecei a conversar com os índios. Visitava as tribos para saber das histórias de seus antepassados. Descobri muitos manuscritos e tenho relatos e registros que considero muito importantes. Tenho um acervo fotográfico indígena de 30 anos atrás, considero fotos históricas e inéditas, documentários primeiro em Super 8, depois em câmera de vídeo e muitas fotos, em locais afastados, inclusive do interior do estado do Amazonas. Fui a todos os estados, ou melhor, lembro que não estive em aldeias do Amapá. Num levantamento aproximado viajei 400 mil quilômetros só dentro do Brasil.

Natureza - Sobre os Peabirus no Monte Crista no município de Garuva, como chegaram a seu conhecimento?

Budweg - Meu amigo pesquisador e escritor Luiz Galdino, numa viagem pelo sul, ouviu falar sobre este caminho. Depois, Urbano Gern, que morou em Joinville e vive hoje em São Paulo, confirmou a existência desta escadaria no Monte Crista e os caminhos no Quiriri. Viajei até lá, fiz uma expedição de reconhecimento, comprovei a autenticidade e importância histórica do local. É um dos locais com melhor preservação do país.

Natureza - O que é um Peabiru?

Budweg - Os índios chamaram Pe - (caminho) abiru - (gramado amassado). O Brasil é cortado por dezenas de peabirus, interligados. Já foram localizados 97 trechos no território brasileiro. Um deles começa em Salvador passa por Goiás, Mato Grosso e vai até Cusco no Peru. Está identificado e fotografado. Este de Garuva está interligado com os do Paraná. Inclusive com registros nos arquivos da universidade de Curitiba. A trilha que sobe de Paranaguá, com trechos nos municípios de Tijucas do Sul e Quatro Barras, é um caminho para cinco dias em pedras e escadarias em campos e florestas, passa por Sete Quedas, Iguacu, Assunção, acompanha a cordilheira dos Andes e o Vale Picolomaio, passa pelo lago Titicaca e chega a Cusco.

Natureza - Qual é a tese que o Sr. defende para a idade destes caminhos e quem construiu?

Budweg - Minha suposição é de três a quatro mil anos atrás. Defendo que não foram os Incas, nem mesmo indígenas, muito menos Jesuítas ou colonizadores. Os indícios colhidos devem ser comprovados. Existe a possibilidade de serem Fenícios, Árabes, Turcos ou (Wikkigs), Os índios não conheciam ferramentas. A engenharia dos peabirus é superior e diferente das estradas coloniais e é possível comparar. Os índios e Jesuítas usaram estes caminhos há 300 anos atrás. Na Bolívia existe ruínas, no lago Titicaca, em Tioanaco, onde a arqueologia ainda não descobriu nada específico dos construtores. Poderia ser também destes construtores dos peabirus. Na Bahia existe ruínas de uma cidade com mineração, túneis, inscrições e pictografuras semelhantes aos povos Wiggins. No litoral de São paulo existem sinais evidentes de povos que estiveram neste território, 500 anos antes do descobrimento.

Natureza - O Monte crista tem várias lendas. os primeiros moradores chamaram de "a montanha da morte", atualmente o misticismo permanece O Sr. foi até o local? Qual é sua interpretação?

Budweg - As lendas nascem por ser um local perigoso. A possibilidade de uma energia diferente é haver minério no subsolo, mas foge aos meus conhecimentos. As cavernas ali existentes não foram devidamente pesquisadas. Não sei porque evita-se a pesquisa destes túneis. Houve uma época, no período da guerra, que as autoridades fecharam muitas entradas de cavernas na América do Sul. Não sei dar uma explicação. Inclusive sei que fecharam cavernas em São Francisco do Sul. Acredito que a lógica seja por segurança. Não concordo com o livro e a teoria que diz que a terra é oca.

Natureza - As inscrições na pedra no alto do Monte Crista significam alguma coisa?

Budweg - Para mim é um mapa astral. Alguma coisa astronômica. Não considero a possibilidade de ser um mapa de tesouro dos Jesuítas, como já ouvi falar. Acredito, por comparação, com outras pedras existentes no Brasil e no mundo, pictografuras deixadas pelos habitantes do período megalítico (das grandes construções de pedra) iguais às existentes em Stonehenge, na Inglaterra, com quatro mil anos. Lá há várias parecidas.

Anexo 5 – Entrevista com o Sr. Carlos Schneider

Esta entrevista pode ser encontrada no site da Folha do Meio Ambiente.

<https://folhadomeio.com.br/2004/02/agua113f/>



Folha do Meio

Folha do Meio Ambiente - Ano 11 - Edição 113 - Brasília/DF, março-2001

Volta



Cerca de 90% dos esgotos domésticos e industriais são despejados sem qualquer tratamento nos mananciais de água. 63% dos depósitos de lixo estão em rios, lagos e restingas.

Carlos Schneider, o colecionador de nascentes

Preocupado com a crescente degradação dos rios de sua cidade natal, há trinta anos o empresário Carlos Frederico Afonso Schneider iniciou uma cruzada para proteger os mananciais do norte de Santa Catarina

Marco Antonio Gonçalves - texto e fotos

Ele é um bem-sucedido empresário de Joinville, cidade localizada no norte de Santa Catarina, a 172 km da capital, Florianópolis. Homem discreto, avesso a bajulações, o senhor Carlos Schneider comanda negócios que vão de uma indústria de parafusos a uma criação de búfalos. Aos 76 anos, no entanto, a atividade que mais mobiliza suas forças nada tem a ver com lucros, debêntures ou ações. Tem a ver com a natureza, ou melhor, com a conservação de cerca de 9,4 mil hectares de propriedades que acolhem inúmeras nascentes dos principais rios da região bem como remanescentes das diferentes fisionomias vegetais do domínio da mata atlântica em seu estado. Um patrimônio que o senhor Schneider considera "sagrado".

Filho de um próspero comerciante, Carlos Schneider testemunhou, ao longo da vida, o custo ambiental que Joinville pagou para se tornar a maior e mais industrializada cidade catarinense. Sentado na sala de uma casa centenária em estilo enxaimel - característico da colonização alemã da região - encravada na Serra do Quiriri, ele se confessa preocupado. Recupera, com certa melancolia, reminiscências da destruição que o levou, há mais de 30 anos, a começar a adquirir áreas na zona rural para proteger seus recursos naturais. A água se tornou o foco privilegiado do que viria a ser sua cruzada conservacionista. "Quando eu era criança, fazíamos piquenique nas margens do rio Cachoeira. Tomávamos banho e víamos o fundo do rio; muita gente pescava ali. Algum tempo depois, já não tinha mais peixes e nem se via mais o fundo. Fui crescendo e vendo isso". Rio que percorre a área urbana de Joinville, o Cachoeira e seus tributários têm hoje águas turvas e mal-cheirosas, destino do esgoto doméstico e de detritos industriais da cidade. São rios moribundos.



Memórias de ferro e fogo

"A pior época que marcou minha vida foi quando comprei um pedaço de mata virgem no norte do Paraná, perto de Maringá, para formar uma fazenda de café, em 1950. Era uma mata virgem incrível, cheia de animais. Para se ter uma idéia, nós chegamos a pegar uma onça grande na porta da cozinha, que à noite comia nossas galinhas. Havia muita queixada. Havia peroba que, depois de derrubada, eu, com 1,82 metros, não conseguia ver por cima dela... Cedro, pau-marfim, peroba, tudo foi destruído por 50, 60 homens com machado. Era o costume da época. Todo o norte do Paraná foi destruído. Comia-se macacos na época, e se apareciam dez macacos, matava-se os dez para levar um. Havia um rio perto da nossa fazenda, o rio Ivaí. O peixe era tão abundante que nós tínhamos um rapaz meio índio para quem encomendávamos peixes de vários quilos. Pagávamos e ele trazia. Ele chegava a tirar dourados de 150 quilos... Vinha um pessoal de Londrina e de Maringá com caminhões, traziam canoas de tábuas e soltavam cargas de dinamite no rio. O rio ficava branco em cima de tanto peixe. Ai eles iam de canoa e só tiravam os peixes grandes, enchiam um, dois, três caminhões, de peixe. Os peixes menores iam embora rio abaixo... Quatro ou cinco anos depois, você não pegava mais nem uma piaba nele".

Carlos Schneider, março de 2001

"Fazendas de preservação"

A Serra do Quiriri integra uma vasta cadeia de



**Fazenda de
Preservação Quiriri:
fontes cristalinas e
floresta atlântica**

Lembra também que, num desses anos, a empresa envenenou deliberadamente centenas de aves silvestres sob a alegação de que destruíam as mudas recém-plantadas. "A destruição era grande. Não havia tempo a perder", diz.

Em 1983, ele adquiriu uma área de 290 hectares, entrecortada por alguns afluentes do rio Quiriri - um dos principais tributários do rio Cubatão. Meses depois, comprou outros 750 hectares contíguos ao norte da área anterior. Entre 1996 e 98, arrematou mais três propriedades, todas contíguas entre si, alcançando assim o divisor de águas, a cerca de 800 metros de altura. A esse polígono, com 2.121 hectares, deu o nome de "Fazenda de Preservação Quiriri". Ainda na Serra do Quiriri, entre 1997 e 2000, Carlos Schneider comprou outros 3,6 mil hectares para proteger parte das nascentes do rio da Prata (outro afluente do Cubatão) e do Piraí. Por fim, em outubro de 98 conseguiu negociar a compra das áreas onde estão as nascentes do próprio rio Quiriri, batizando-as "Fazenda de Preservação Alto Quiriri".

Em menos de duas décadas, virou proprietário de 60% das nascentes do rio Quiriri, ou de 17% das águas captadas no rio Cubatão para atender Joinville. As más línguas afirmam que seu interesse pelas nascentes decorre do fato de a água estar se tornando uma commodity valorizada. Não é o que parece. Na lógica do senhor Schneider, receber pela água que conserva é justo na medida em que empresas de captação não terão que despendar recursos para sua recuperação. "Não só comprar como conservar custa dinheiro. É preciso haver incentivos para que as pessoas invistam ali. Precisava que tivéssemos a propriedade da água para que nós a vendéssemos. Com o dinheiro, eu ainda iria comprar uma terra do lado. Para conservar", explica.

Biodiversidade das serras é pouco conhecida

O empresário Carlos Schneider ainda está descobrindo a relevância do patrimônio biológico abrigado tanto na Serra do Quiriri como em suas outras propriedades localizadas na planície litorânea e no planalto interior de Santa Catarina. Se consideradas em seu conjunto, seus 9.400 hectares detêm amostras significativas de praticamente todos os ecossistemas e fisionomias características do domínio da mata atlântica, do mangue aos campos de altitude, passando por restingas e floresta ombrófila densa e mista - onde predomina a ameaçada araucária.

Na verdade, o conhecimento científico sobre a diversidade biológica de toda a região serrana ainda é incipiente. Lúcia Sevegnani, bióloga e doutoranda em Ecologia pela Universidade de São Paulo, afirma que, por não haver centros de pesquisa especializados sobre esta parte do estado, pouco se conhece de sua dinâmica florestal.



Campos naturais do Alto Quiriri: espécies vegetais raras a 1.500 metros de altitude

montanhas localizada a oeste do perímetro urbano de Joinville, com altitudes que atingem até 1500 metros. É nesta serra de florestas densas e mistas e de campos de altitude que se formam as nascentes que afluem para os dois rios que abastecem Joinville: o Cubatão, que fornece 64,9% da demanda hídrica da cidade, e o Piraí, que fornece os 35,1% restantes.

Carlos Schneider recorda um fato, determinante para que voltasse suas atenções para o Quiriri. Na década de 70, uma empresa de reflorestamento - a Comfloresta, do Grupo Brascan - começou a adquirir milhares de hectares de terras na região. Entre 1974 e 80, a empresa substituiu cerca de 25 mil hectares de floresta atlântica por monocultura de pinus e eucaliptos para exportação. Os cultivos ocupavam (como ainda ocupam) encostas, topos de morros, nascentes e margens de rios, ignorando o disposto no artigo 2º do Código Florestal (lei nº 4.771/65).

O empresário afirma que em poucos anos rios cristalinos perderam volume de água - em decorrência da destruição de dezenas de nascentes - e passaram a carregar grande quantidade de sedimentos - por causa da derrubada da mata ciliar.

Segundo afirma, as serras do norte de Santa Catarina são singulares sob o ponto de vista botânico. Trata-se de uma área de montanhas altas que, por estarem próximas ao litoral, formam barreiras responsáveis por grande pluviosidade e por altas temperaturas. Estas condições são ideais para o desenvolvimento de espécies que não são encontradas em outras regiões do estado. "Conheci uma espécie de xaxim, chamado *Marattia brasiliensis*, ou xaxim-redondo, que ocorre no Paraná, mas não no resto de Santa Catarina. Deve haver bromélias e orquídeas características da mata atlântica que só devem existir ali", prevê. É, segundo diz, "a região que abriga o contingente faunístico e florístico mais tropical do estado".

As peculiaridades da vegetação das serras setentrionais de Santa Catarina interessam também ao Museu Botânico Municipal, de Curitiba (PR), que tem feito visitas aos campos naturais do Alto Quiriri. Seus pesquisadores estão interessados em reencontrar exemplares de espécies endêmicas coletadas em 1958 por uma expedição dos botânicos Raulino Reitz e Roberto Klein, que realizaram os maiores levantamentos existentes da flora catarinense. Em termos de fauna, a equipe responsável pela administração e pela vigilância dos 2.121 hectares da Fazenda Quiriri afirma haver lá dentro inúmeros exemplares de espécies ameaçadas de extinção, como jaguatirica, onça parda, veados, jacutinga, macucos, macaco-prego e bugios.

Sentimento de urgência

A preocupação com o destino de suas "fazendas de preservação" tem feito o senhor Schneider e a equipe que o assessora neste projeto a buscar idéias. Uma das possibilidades consideradas é transformar uma parcela da Fazenda Quiriri em um centro de recuperação e reabilitação de animais silvestres. Segundo a bióloga Gilian da Silva, consultora da equipe, isso atenderia uma demanda da Polícia Ambiental do estado, que não possui um espaço com estrutura adequada para a reintrodução de animais resgatados de caçadores.

Uma possibilidade paralela é firmar parcerias com institutos de pesquisa. Lúcia Sevegnani, que esteve visitando a Fazenda Quiriri semanas atrás, afirma querer propor um convênio com a Universidade Regional de Blumenau, onde leciona, para realizar, por exemplo, estudos sobre a estrutura das comunidades florestais e os processos dinâmicos das espécies que lá vicejam.

São boas oportunidades, mas o senhor Schneider considera urgente garantir meios para combinar a perpetuidade da conservação das áreas com geração de renda suficiente para mantê-las. Está em busca de parceiros, nacionais e estrangeiros, para a conservação das águas e dos remanescentes de mata atlântica nas áreas que protege. "Há muito ainda por fazer, muitas áreas para conservar, mas nos faltam os recursos necessários", afirma, algo aflito. O que mais teme é que atividades degradadoras cheguem antes dele.



Anexo 6 – Entrevistas sobre expedições que percorreram o Caminho dos Ambrósios

A incrível paisagem no topo dos Campos do Quiriri

São 1538 metros acima do nível do mar, com uma vista panorâmica do litoral sul do Paraná e Norte de Santa Catarina. O Morro da Antena também é o marco inicial dos místicos Campos do Quiriri. Lugar de muitas lendas, trilhas antigas e história.

Por Maurício Baier

O sábado amanheceu com uma densa neblina. Os termômetros indicavam 4 graus centígrados, mas tínhamos a nosso favor a promessa da previsão do tempo: céu claro e sol. O bom tempo é fundamental para a expedição aos Campos do Quiriri. A vista é um dos principais atrativos do Morro da Antena, nosso objetivo nesta jornada.

Partindo do centro de São Bento, seguimos pela SC-301 rumo a Joinville por 19,5 quilômetros. É na localidade de São Miguel que rumamos à esquerda pela estrada para Ximbuva. São incontáveis bifurcações e acessos secundários por mais de 50 quilômetros (mapa). A estrada é estreita e difícil em alguns pontos. No entanto, todo o esforço e desconforto é fartamente recompensado.

Depois de percorrer 33,4 quilômetros desde o centro de São Bento, passamos pelo Posto de Saúde de Bateias de Cima. Em 42,2 chegamos à uma igreja Azul, na localidade de Ximbuva. Aqui viramos à direita rumo à Postema, onde chegamos aos 54,6 quilômetros. Aqui encontramos o Rio Negro num ponto bem próximo da sua nascente: não ultrapassa muito os quatro metros de largura.

Já passava das 10 horas quando atingimos os 60 quilômetros percorridos. A estrada é difícil e num dos pontos o jeep dirigido por Dieter e Lucas Lichtblau teve que rebocar a pick up corsa do nosso cinegrafista, Francisco Gruber. O tempo está abrindo e começamos a "ganhar altitude". Aos 66,7 quilômetros passamos pela terceira porteira na estrada. Um

pouco mais adiante, descortina-se a primeira vista das montanhas.

A partir deste ponto nossa velocidade cai. Os aclives são cada vez mais acentuados. As paradas também são constantes. No quilômetro 70 as paisagens já são de tirar o fôlego.

Novamente a pick up precisa ser rebocada. Numa das subidas a inclinação não pôde ser vencida pelos pneus esportivos.

Na cota dos 70,9 quilômetros, uma agradável surpresa. Uma vista fabulosa da Pedra Pelada - montanha a vários quilômetros de distância na direção sul.

Sobre o cume das montanhas a estreita e pouco transitada estrada perde-se no horizonte. Aqui tudo é campo. Apenas na direção nordeste ainda se vê extensos reflorestamentos de pinus (um verdadeiro crime ecológico nesta região). Para o lado sul e oeste avista é deslumbrante. Vemos uma cadeia de montanhas distantes, separadas ao meio por uma faixa de névoa em dissipação.



A chegada



Subida final



"Estádio" de Bateias

Às 11 horas e 20 minutos avistamos um lago distante. Os campos continuam até onde a vista pode alcançar, entrecortados apenas pelas muitas curvas da estrada.

Em 73 quilômetros percorridos uma nova porteira na estrada, logo após uma ponte sobre o rio Quiriri - aqui ainda um riacho. Após a porteira a estrada faz uma bifurcação. Para se chegar ao morro da antena é preciso virar à esquerda. Aqui é o fim da linha para o carro convencional. Só o Jeep pode prosseguir, e ainda assim com dificuldades que exigem a máxima habilidade dos jeepeiros Dieter e Lucas.

Apertamo-nos no jeep e continuamos o restante do trajeto que se fosse para ser percorrido a pé consumiria no mínimo uma hora de boa caminhada. Chegamos ao topo exatamente às 12h07min. A vista é indescritivelmente bela!



Vegetação típica



O Rio Negro



Primeira vista do lago

Contamos com uma visibilidade boa, reduzida somente por uma névoa distante sobre o mar. Estamos a 1538 metros de

altitude. É o ponto mais elevado de toda a região e permite observar o final do litoral sul do Paraná e boa parte do litoral norte de Santa Catarina. Temos uma boa vista de Garuva, da avenida que leva à Itapoá e de toda a extensão da sua vasta praia. Temos ainda uma vista privilegiada da Baía da Babitonga. Quem sabe daqui de cima os nativos puderam ver a chegada dos primeiros imigrantes da Colônia Dona Francisca.

Nos últimos passos até a chegada ao topo, algo que nos chamou a atenção é a umidade no topo do morro. Por baixo da vegetação rasteira a água chegou a molhar nossos calçados.



Campos inóspitos



Planeta distante...



Estrada?

Os Campos do Quiriri oferecem o cenário para dezenas de lendas e histórias repletas de mistérios. No outro extremo do local onde nos encontramos neste momento está o Monte Crista e sua fabulosa escadaria de pedras, cuja origem é difícil de explicar. Daqui até lá são cerca de cinco horas de caminhada por trilhas antigas não menos místicas, que juramos percorrer numa próxima expedição.

Para o lado leste vemos uma montanha quase sem vegetação. Sua cor marrom escura lembra velhos filmes de ficção. Parece mesmo o solo de um planeta distante. Será que é por isso que este local também é ligado a incontáveis relatos de aparições de Óvnis?



O Jeep salvou o dia



Campos



A estrada



O lago e os campos



Aclives acentuados



Vegetação

Como já relatamos na matéria da expedição ao Monte Crista, este local também foi palco de relatos históricos importantes, especialmente no início do século 18, quando servia de rota de viagem entre Curitiba e a Colônia Dona Francisca em Joinville, embora não fosse o caminho preferido dos viajantes, por causa da penosa caminhada.

Mas é a beleza mística que faz a fama desta região transcender os limites nacionais. São pelo menos três

publicações internacionais (americana, alemã e inglesa) que mencionam episódios ou características paranormais da região.

No retorno da viagem, conversamos com um caseiro que passa vários dias nas imediações do morro da antena, e claro, perguntamos o que ele já havia visto de estranho por aqui. "Já ouvi muitas histórias esquisitas, mas nunca vi nada", resumiu ele...



Vista de Garuva



Rochas vulcânicas



Formações exóticas

A antena instalada no topo do morro é mantida por clubes de rádio amadores. Trata-se de uma repetidora de rádio VHF que permite a comunicação do litoral com o Planalto Norte, superando com tranquilidade um obstáculo geográfico difícil de transpor: a serra do mar.

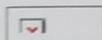
No topo do Morro da Antena um arrependimento caiu sobre nossa equipe: deveríamos ter vindo preparados para acampar. O visual noturno, a exemplo do que já havíamos testemunhado no Monte Crista, com toda a certeza é espetacular. Numa nova oportunidade é o que faremos com certeza.

Uma última dica a quem pretende visitar o local. Estar atento à previsão do tempo é fundamental. Marcar a excursão para o inverno também é aconselhável. Outro detalhe importante é não invadir os terrenos particulares no local. É recomendável pedir autorização e identificar-se.



Mapa do Morro da Antena
Cortesia: Paulo Schumacher
Engenheiro Cartógrafo

"Não deixe lixo no local e se possível traga parte do lixo que alguém deixou por lá"



Imprimir

Fechar

www.sbsrevista.com.br - Direitos reservados



Você já sabe da
nova moda?

Percorrendo os místicos Campos do Quiriri

Do Morro da Antena ao Monte Crista foram dois dias de caminhada percorrendo 42 quilômetros. Era a aventura mais esperada pelo Adventure Team...

Por Maurício Baier

Desde o início do Adventure Team, esta era a expedição mais esperada. Em agosto de 2000 havíamos subido ao Monte Crista, pela lendária estrada Três Barras (Garuva). Quase um ano depois, em junho, atingimos a altitude de 1538 metros acima do nível do mar ao chegarmos no Morro da Antena. Estes dois pontos são os extremos da mística região dos Campos do Quiriri. Entre eles nos esperava cerca de 20 quilômetros de caminhada pelo inesperado.

Na véspera de completar um ano desde a primeira expedição ao Monte Crista (19 de agosto), os despertadores soaram às 3 horas da madrugada. Partimos de São Bento cerca de meia hora depois rumo a Fazenda Quiriri, nas imediações do Morro da Antena.

Impossível reprimir o frio no estômago e a ansiedade crescente na longa e desconfortável viagem até a fazenda. Repetimos o trajeto descrito em nossa empreitada anterior até o morro. Ao longo da subida após a localidade de Postema, pudemos apreciar o incrível visual realçado pelo amanhecer de um dia de céu absolutamente claro.

Até chegar à fazenda, é necessário passar por três porteiras. A primeira, pudemos abrir sem problemas. A segunda, nas terras conhecidas como "do Zé da Gaita", estava aberta. A terceira tirou-nos de um estado de quase dormência dentro da apertada "besta" fretada para nosso transporte: estava trancada à chave!

Desembarcamos para averiguar a situação e esticar as pernas. Dois grandes cadeados seguravam a corrente. Impossível mover o portão das dobradiças ou abrir de qualquer outra forma. Não há nenhuma residência por perto e ainda estamos muito longe da fazenda para empreender o restante do

caminho a pé. Passados alguns minutos, atônitos, sem saber o que fazer, ouvimos a sugestão irônica do nosso companheiro André Cristoff: "A chave deve estar debaixo desta pedra aí no lado do portão"... Rimos enquanto Edson Fary foi checar. Surpresa! A chave estava lá...



Um mar de neblina

Já com o dia claro, às 6h40min atingimos os 1200 metros de altitude. Da beira da estrada pudemos vislumbrar um espetáculo fabuloso. Um mar de neblina estendendo-se desde o quadrante sul ao oeste. Fábio Moraes não perdeu tempo e fez o registro fotográfico. Francisco Gruber, o "Chico" também filmou a cena.

Quase uma hora depois chegamos à Fazenda Quiriri. É o fim da linha para o veículo que heroicamente subiu os acentuados aclives da estrada que acaba aqui. Cruzamos um riacho e estamos na Fazenda Quiriri, onde paramos para o desjejum.



Começa a longa caminhada



A Fazenda Quiriri ficando para trás



Paisagem inspira muitas paradas

É nas imediações da fazenda, segundo os relatos históricos do botânico e padre Raulino Reitz (feitos nos anos 60 e reproduzidos pelo historiador Cyro Ehlke em 1973), que se situava um antigo rancho de tropeiros. Segundo o botânico, o rio Iquererim - que não conseguimos identificar em nossos mapas - e que provavelmente é o pequeno riacho que passamos, guarda uma lenda curiosa. Mais abaixo, em relação ao rancho (hoje uma grande casa de alvenaria), um burro de carga afundou com sua preciosa carga de ouro ao atravessa-lo. Pelo que se sabe, nunca foi encontrado...

Iniciamos a caminhada às 8 horas. O GPS indicou 1278 metros de altitude e uma velocidade inicial de 4 quilômetros por hora. Neste ponto, o Monte Crista está a 6,5 quilômetros em linha reta. Pelas trilhas, claro, vamos percorrer mais que o triplo desta distância. Dieter e Lucas Lichtblau operam o GPS e registraram cada ponto importante da trajetória.

Depois de alguns minutos chegamos ao topo da colina a leste da Fazenda Quiriri e pudemos ter uma primeira vista panorâmica destes lados dos famosos Campos de Ambrósios, hoje chamados de Campos do Quiriri.

Às 8h36min alcançamos a velha Estrada Três Barras

(erroneamente conhecida por trilha dos Jesuítas). Revestidas de pedras de granito, com exatos 16 palmos de largura, a estrada vinha de baixo da serra, cruzava os campos e chegava na localidade de Postema (extremo norte de Campo Alegre). Daí cruzava o Rio Negro e entrava no Paraná, onde bifurcava-se. Um ramal seguia na direção de São José dos Pinhais. Outro, enveredava para a região de Lapa.

A caminhada pelos campos de altitude inspira muitos cuidados. Não se pode ver onde se pisa e o terreno possui muitos buracos e pedras escondidos pela vegetação. É um alívio utilizar-se da trilha, embora nosso caminho se desvie do traçado original em vários pontos.

Mais dez minutos, e cruzamos o rio dos Alemães, onde segundo Cyro Ehlke, dois alemães morreram abraçados, surpreendidos por uma nevasca infernal. A altitude aqui é de 1188 metros acima do nível do mar. Aliás, há muitas histórias de anomalias climáticas nesta região, como chuvas de grandes pedras de granizo, chuva sem nuvens, chuva seca, entre outras que beiram os limites da fantasia. Apesar das histórias, nosso amigo e estudioso de fenômenos do tipo Arquivo X, Edson Fary, nada registrou de estranho.



Vista além da fazenda



Encontro com a Estrada de pedra



Passando o rio dos Alemães

Estranho, ou pelo menos diferente, é a sensação de quase desolação nestas paragens. Os campos intermináveis, as montanhas azuis no horizonte, os vales, o barulho do vento e a neblina abaixo de nós compõem um cenário no mínimo exótico, ao mesmo tempo incrivelmente belo.

Seguimos a jornada com tranquilidade, sem muita pressa. Até aqui a caminhada é relativamente tranqüila e muitas paradas são obrigatórias para apreciar a vista. Já são 9h47min e passamos por uma casinha de madeira com telhado de zinco. Encravada num vale, a 1007 metros de altitude, serve de abrigo a boiadeiros.

Iniciamos agora a subida de um longo aclive, onde nos encontramos com dois boiadeiros que também exploravam as imediações. Eles eram os hóspedes do casebre. Perguntamos a eles o mesmo que havíamos sondado junto ao caseiro da fazenda Quiriri: se já haviam testemunhado algum acontecimento estranho nesta bandas. Foram unânimes. A única coisa de diferente aqui são as mudanças climáticas repentinas, especialmente os densos nevoeiros que podem até desorientar o caminhante menos avisado.



**Paisagem inspira
desolação**



**Subindo longos
aclives**



**Na parte mais alta do
trajeto**

No topo da colina, um rápido desvio do trajeto para subir a parte mais alta permite uma vista fabulosa da região leste. Infelizmente, pouco pudemos ver no topo dos seus 1240 metros, pois o mar de neblina ainda estava lá.

Pro lado norte, vimos nossa trilha descendo em espiral e se perdendo no meio da névoa. Preocupou-nos o fato de ter que entrarmos no nevoeiro mais abaixo. Seguimos cautelosos, tranquilizados pelo fato de possuímos o "aparelhinho de posicionamento global por satélite"...



**Cabeça de
dinossauro?**



**Cenas no mínimo
exóticas**



**O mar de neblina
continua lá**

Magicamente, a medida em que avançamos, o nevoeiro foi recuado para leste e em nenhum momento das próximas horas chegamos a atingi-lo. Pareceu até que ele manteve uma distância constante, como que abrindo passagem para nosso pequeno grupo de aventureiros.

A partir daqui iniciamos uma descida mais acentuada e podemos ouvir o som distante do rio Três Barras. A trilha agora embrenha-nos em mata mais fechada, para protesto de alguns membros de Team. Enquanto fazemos muitas curvas e enfrentamos com dificuldade a mata, nosso guia Dieter e seu GPS nos "animam" com a informação de que não estamos nos aproximando quase nada do Monte Crista.

Somente as 12h05min é que chegamos ao rio Três Barras onde fizemos uma breve parada para encher os cantis. A altitude aqui já é de 873 metros. Ou seja, descemos 405 metros desde a fazenda Quiriri. O Monte Crista está a 2,58 quilômetros em linha reta, e só Deus sabe quanto ainda teremos que enfrentar deste sinuoso caminho.

Com as energias parcialmente renovadas, seguimos adiante e logo após cruzar o rio saímos da mata fechada. Aqui a trilha é um pouco confusa. Viramos à direita, mas tivemos que voltar e subir uma colina já defronte ao ponto onde cruzamos o rio. Sobre ela é possível ter a primeira vista do Monte Crista, embora não tivemos este privilégio pois a neblina ainda o encobria.



**Inteligência
extraterrena?**



**Burrice
terrenal**



**Finalmente no
acampamento!**

Continuamos sobre a colina e já podemos ver o local onde havíamos acampado durante a expedição do Monte Crista. Decidimos ficar no mesmo lugar. Mais adiante encontramos novamente a Estrada Três Barras e seguimos por ela por mais 40 minutos até chegar ao diminuto platô onde finalmente nos desvencilhamos das pesadíssimas mochilas já perto das 13 horas.

Rapidamente devoramos os sanduíches que trouxemos para o almoço e começamos a montar o acampamento. Ao lado do ponto onde vamos ficar, encontramos outro aventureiro são-bentense já acampado: o trilhaeiro Klaus Malchitzky conduzia uma representante do Jornal Informação e outro casal de amigos e havia subido de Garuva (trajeto que faremos no retorno).

Descansar na parte da tarde, com o sol alto, foi quase impossível. Não há árvores aqui e a temperatura dentro das barracas é insuportável.

A noite foi especialmente limpa. A luz de um lampião a querosene, nosso cozinheiro oficial Odacir Heiden, o "Cheiro", preparou uma restauradora feijoada, enquanto apreciávamos uma vez mais a bela vista noturna de Joinville. Daqui pudemos acompanhar o tráfego aéreo no aeroporto. A vista das estrelas também é impressionante. Na escuridão do lugar em plena lua nova pudemos divisar com perfeição a faixa leitosa que deu nome à nossa galáxia.

No dia seguinte, levantamos cedo a ponto de vislumbrar o nascer do sol por detrás das montanhas no lado do Monte Crista. Novamente um mar de névoa branca abaixo de nós proporcionou um espetáculo indescritível.

Depois de um bom café da manhã a base de pão e lingüiça de porco, levantamos acampamento em torno das 9h30min para empreendemos a descida da serra do Mar até Garuva, onde nosso transporte de retorno nos encontrará às 14 horas. Repetimos na descida exatamente o mesmo trajeto da expedição ao Monte Crista (veja na matéria na seção turismo da SBS REVISTA). No total, foram 42 quilômetros caminhados!

No retorno, o sentimento de realização por termos completado a aventura em toda extensão desta região histórica e uma certeza: voltaremos no próximo ano.



Galera da Aventura: Dieter, Chico, Edson,
Tom, Maurício, Cheiro, Vermelho, Fábio,
Lucas e Laércio.

Mapa traçado pelo GPS

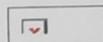


Elementos negativos

Entristece ver que quando um lugar como os Campos do Quiriri começa a ser mais conhecido e freqüentado, também esteja sujeito a visita de gente desprovida de inteligência. Desta vez encontramos muito lixo. Aliás, já teve que ser usado até um helicóptero noutros tempos para tirar o lixo daqui.

Outro exemplo da mentalidade doentia de alguns completos idiotas que andam por aqui tivemos durante a noite. Em um acampamento próximo, três elementos portavam uma pistola 765 de 9 mim. Usaram-na para atirar para o alto depois da bebedeira.

Os Campos do Quiriri e a região do Monte Crista precisam ser transformados em um Parque e ter seus freqüentadores rigorosamente fiscalizados. Além de ser um patrimônio histórico da humanidade, possui muitas fontes de água que podem ser estratégicas no futuro.



Imprimir

Fechar

Anexo 7 – Reportagem sobre exposições de fotos do Monte Crista

Exposição de fotos do fotógrafo Marcos Piske, denominada “Ciclo de Estações da Natureza”,

Monte Crista a cada nova estação

Exposição de fotos revela as belezas de ponto turístico

Subir ao monte Crista. Esse era um sonho do fotógrafo Marcos Piske há mais de 18 anos. No ano passado, depois da primeira escalada, fez mais 15 subidas em 37 dias. Uma experiência que durou um ano e resultou num ensaio fotográfico sobre as belezas da montanha. Denominado "Ciclo de Estações da Montanha", o segundo ensaio fotográfico mostrará todas as estações do ano. Será possível acompanhar os equinócios de outono e primave-

ra e os solstícios de verão e inverno através das sombras do Guardião. Para o fotógrafo, uma sucessão de imagens com outras características. "Esse ciclo é a parte astronômica da montanha. É a evidência de um calendário refletido nas pedras", destaca.

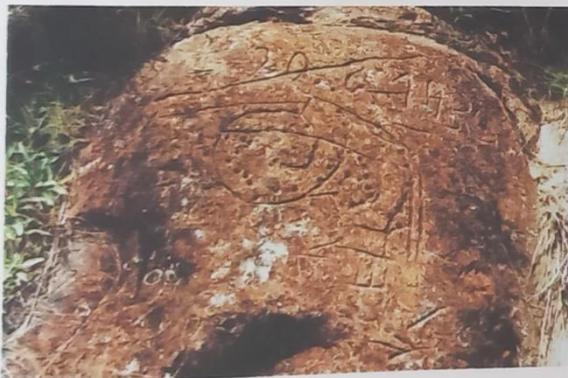
Além da mostra do ciclo das estações, haverá fotos do peabiru (caminho de pedra), nascer e pôr-do-sol e outras fotos místicas ilustrando o lado abstrato da montanha. Para Marcos, a exposição ajudará na reflexão sobre o meio ambiente.

Na primeira exposição realizada de abril a dezembro de 2001, o fotógrafo expôs 50 fotos. Segundo Piske, o primeiro ensaio tinha como objetivo induzir as pessoas a olharem os referências da natureza. "No meu trabalho mostro o monumen-

to natural Guardião ou Sentinela (referencial de pedra do monte Crista), a escadaria dos jesuítas e todo o encantamento das pedras, rios e cachoeiras", completa. A exposição itinerante que passou pelo Shopping Müller, Cidade das Flores, Centreventos e Festa das Flores reuniu 5.200 assinaturas dos visitantes no Livro Consciência Verde da Montanha.

A segunda exposição está prevista para a primeira quinzena de abril. Será uma continuidade do trabalho anterior, mas com um olhar diferenciado. Marcos tem a intenção de mostrar uma nova maneira de observar o que esse reduto oferece. "Quero trazer a essência do monte Crista", enfatiza.

■ Contatos com Marcos Piske pelos fones 9107-1445 ou 434-3381.



Pedra com antiga inscrição no Monte Crista



Guardião ou Sentinela